

Anexo 1 - entrevista com Cleodon Silva transcrição



Entrevistado: Cleodon Silva

Nascimento: 8 de outubro de 1949

Local de nascimento: Garanhuns /PE

Dia da entrevista: 04.11.09 – 10h e 05.11.09 - 9h

Local da entrevista: residência do entrevistado, no bairro da Saúde, São Paulo

Entrevistadora: Agnes Mariano

Transcrição - fase 3

Até hoje eu estou com essa questão de desocultar a realidade e intervir o mais próximo possível da situação concreta.

O meu nome é Cleodon Silva. Nasci no ano de 1949, na cidade de Garanhuns, Pernambuco. Eu sou filho de um casal que se encontrou no começo do funcionamento do primeiro hospital público da cidade, hospital Dom Moura. O meu pai foi um dos primeiros enfermeiros desse hospital. Foi transferido do Recife para Garanhuns e lá conheceu minha mãe, como servente do hospital. Ambos têm origem direta do campo. O meu pai é alagoano, encontrou a enfermagem em criança. Ele recebeu uma mordida de um cavalo e ficou muito tempo internado na Santa Casa e depois virou enfermeiro prático na Segunda Guerra. Recebeu o título de enfermeiro

e já foi para Garanhuns como enfermeiro. E minha mãe teve origem também do campo, do Agreste de Pernambuco. Veio para a cidade e conseguiu emprego no hospital, como servente. Lá se conheceram, constituíram família. Sou o primeiro filho desse casal. Tenho mais três irmãos da mesma mãe, todos homens. E também mais dois de duas outras mulheres: meu pai teve uma relação e teve dois filhos fora do casamento. Eles moram no Recife. Nós, hoje, constituímos uma mesma família: a gente conversa, troca informações e, por acaso, todos estão na mesma área: informática. Achei interessante isso.

Na minha infância, o mais marcante - a minha referência, claro, era o meu pai - é que tinha sempre que ter uma autonomia grande nas coisas que eu tinha como um valor. Eu não entendia direito, só depois é que fui entender. Ele trabalhava no hospital, mas fazia um esforço enorme, sempre comprava alguns terrenos, loteamentos novos. Aparecia um sítio, quando começava a virar um loteamento, ele fazia um esforço para comprar um lote, dois lotes, pagava durante anos. Tinha uma visão de futuro, que esses lotes iriam estar dentro da zona urbana e isso iria valorizar. Ele sempre fez isso na vida e, com isso, conseguiu construir a casa. A gente teve um período em que eu sempre via o meu pai buscando a segurança da família, garantindo as coisas em casa. Uma referência muito forte dele.

Ele era uma pessoa muito querida na cidade. Isso, depois, virou um problema para mim. Eu ficava meio enciumado, porque não era conhecido pelo meu nome, Cleodon, eu era “filho de Seu Alfredo”. Até me libertar do “filho de Seu Alfredo” foi uma jornada difícil, porque ele era muito conhecido e tinha uma relação muito forte, principalmente, com os pobres. Como enfermeiro do hospital, ajudava um e outro, fazia curativos. Não existia ainda a Previdência Social, então ele tinha que fazer e fazia e não cobrava.

Dia de sábado era interessante. Era o dia da feira na cidade. Vinham várias carroças, carros de boi para

montar a feira na cidade. Nós morávamos perto da rua que era passagem dos carros de boi e a minha função, dia de sábado, era ficar no portão. Porque vinha um monte de gente que ele ajudava, prestava serviços e, no sábado, sempre trazia um saco de fruta, farinha, enfim. Dia de sábado recebia um monte de doações, de presentes que traziam para ele. Alguns produtos que chegavam em quantidade, na feira seguinte a gente não comprava, porque já tinha em casa. Eu me lembro bem: criações. Difícil o sábado que a gente não recebia um peru, uma galinha. Sempre tinha, era impressionante.

Ele teve também uma outra referência muito forte. Era assim: “Olha, se chegar alguém de gravata, desconfie, mas se chegar uma pessoa vestida, que você vê que é pobre, atenda da melhor forma possível”. Sempre tive problema com gravata, usei pouquíssimas vezes. Tinha um significado. Aquilo me transmitia um significado que depois eu vim associar. Ele tinha – de uma forma meio primitiva –, mas tinha um sentimento forte de um lado na sociedade. Ele estava do lado de cá. E me passou isso por valores, relações. Então, quando eu via um engravatado, já associava a coisa ruim. Quer dizer: era ladrão, era criminoso. Gravata tinha um sentido. Até hoje eu não gosto muito, eu não uso. Aliás, eu não tenho nenhuma gravata.

Até os 11 anos, foi uma infância tranquila, muito contato com a natureza. Outra coisa impressionante, de cultura, é o tratamento que meu pai dava ao lixo. Até hoje nada é jogado no lixo. O lixo orgânico não sai de casa, sempre fica. Ele tem vários buracos. Vai cavando buraco, vai enterrando. Quando enche, abre outro, depois volta para aquele primeiro, mas o lixo orgânico não sai de casa. Até hoje. Ele está com 94, 95 anos. E ainda hoje tem uma hortazinha. Claro, bem pequena agora, porque ele não tem muitas forças, mas sempre enterra o lixo orgânico. E sempre me falou que lixo tem muito valor. Eu ficava meio assustado com isso, porque tem, às vezes, um mau cheiro, às vezes juntava mosca, mas ele, sempre que colocava uma camada, jogava uma camada de terra em cima. Depois eu entendi o valor profundo do relacionamento dele com o lixo.

A gente sempre tinha contato com a natureza, todos os animais, sempre foi um contato muito forte. Tratei de animal, andei de cavalo, jumento, carregava água com jumento, carregava capim. Tive um contato forte com o campo. Vivia na área urbana, mas a gente sempre tinha aqueles pedaços de terra próximos da cidade. Às vezes andava 1h, 1h30. Plantava macaxeira, mandioca, feijão, milho. Todo ano a gente tinha uma safra de milho nesses terrenos. Mesmo ele trabalhando no hospital, vivendo na área urbana, mas a gente tinha essa relação com o campo muito forte.

Sempre admirei a sabedoria: ele falava do matuto, do pessoal do campo, sempre destacou a sabedoria do matuto. Dizia que, quando você está falando com um matuto, se você fala ou pergunta alguma coisa, ele fala: “Sinhô?”. Faz uma pergunta - “Sinhô?” -, dando espaço para você repetir a pergunta. Mas ele já não estava mais ouvindo, estava pensando na resposta. Ele ganha um tempo. Não tem nada de burro, pelo contrário. Ele sempre destacou algumas atitudes de sabedoria do homem do campo.

Quinze de Novembro

Saí a primeira vez de casa aos 11 anos. Aos 11 anos, aliás, em 1959, o sonho da minha mãe e do meu pai era me colocar na melhor escola da cidade. Tinha duas escolas de peso: o Seminário Diocesano, dirigido pela igreja Católica, por um padre conservador; e a outra escola também de porte e significativa era de uma missão norte-americana, o Colégio Quinze de Novembro. O Quinze de Novembro era mais perto da nossa casa. Eu ia tranquilamente à pé. Então a gente fez um esforço. Era particular, mas eles, todo ano, abriam a possibilidade de você se inscrever num concurso para adquirir uma bolsa. Fiz esse concurso e adquiri uma bolsa no Colégio Quinze de Novembro.

Mas eu nunca gostei. Passava em frente e achava um negócio elitista. Tinha alguns jovens pobres, mas eram aqueles jovens pobres que ficavam muito bem marcados lá: aquela bolha de gordura no copo d'água. Primeiro, a religião... Na época, eu era católico e fui estudar num colégio presbiteriano. Logo eu vi a relação da escola

com a elite da cidade, a coisa que não era a minha praia. Todos os valores deles eram da elite. Em 5º mesmo eu fui num piquenique organizado pela escola. Levei um pão francês com doce de banana dentro e todo o resto do pessoal estava comendo peru, tudo quanto era comida que raramente eu via.

Eu era visto como o menino o pobre. Eu era pobre. Tinha as coisas, não passava fome, grandes necessidades, mas sempre estava com poucas roupas. Enfim, era visto como pobre. Nesse colégio, era um negócio horroroso. Tinha internato, mas eu não era internado. Amigos, tive alguns. Os amigos lá dentro do colégio era o pessoal do bairro e que também eram pobres. Mas aqueles pobres que querem ser ricos a qualquer preço. Não era o meu caso, nunca pensei em ter aqueles valores. Eu não gostava daqueles valores, daquelas referências. Não tinha como contrapor outros, porque estava ali, mas eu simplesmente não gostava.

Isso foi criando uma raiva, um ódio, aos pouquinhos. Foi sedimentando um ódio desse povo. Cada vez mais ficava claro que eu não era desse mundo. Então começaram algumas dificuldades na escola. Tive uma das primeiras com um professor de latim. Essa é uma das pessoas de quem eu tive muita raiva. Teve um incidente com ele. Eu estava fazendo uma aula de desenho. Eu gostava do professor de desenho, do desenho, e estava terminando um desenho, quando ele me perguntou a declinação de um verbo não sei das quantas. Sequer ouvi que ele estava falando comigo. Aí veio esse fato. Esse é um fato muito curioso, que mexe com coisas que tiveram repercussões depois muito interessantes e apontaram os caminhos. O menino que estava do meu lado falou: “Ele está desenhando, professor”. Já me entregou. Ele simplesmente me mandou para fora da sala. Isso me causou uma revolta tremenda. Aí, a minha cabeça se voltou só para pegar esse professor. A vontade que eu tinha era dar um cacete, dar umas pancadas nele, mas, como não podia... Tanto por diferença de idade – eu estava com 11 pra 12 anos – e outras dificuldades. Mas, aí, eu disse: “Vou pensar”. Foi a primeira vez que eu pensei em atacar uma pessoa.

Comecei a estudar as possibilidades de prejudicar aquele professor. No colégio que era em frente à minha casa, ele também dava aula. A primeira escola estadual começou emprestada nesse prédio e ele dava aula ali. Fiz três tentativas de acabar com o carro dele. Primeiro, tentei furar o pneu com boca de garrafa quebrada. Coloquei lá, mas não deu certo. Também cheguei a amarrar um monte de latas de óleo vazias no arame e amarrei embaixo do carro, no eixo. Quando ele saiu: “Pá, pá, pá”. A turma: “Ehhhh”. Eu sempre ia e ficava do outro lado do muro, para ver a consequência do meu ato. Nesse dia consegui.

Depois comprei um prego - eu me lembro bem -, comprei um prego que era maior que o meu dedo. Coloquei numa madeira, deixei ele ultrapassando a madeira, pulei o muro da escola e fui lá. Ele colocava o carro encostado na parede, tinha que sair de ré. Depois que eu me lembrei - na época eu me recusei a aceitar -, mas eu acho que eu risquei a lateral do carro todinha antes de colocar o prego. Passei o prego de ponta a ponta na lateral e deixei o prego lá. E quando ele foi sair, furou o pneu do carro.

Aí eu fiquei tranquilo. Só que tinha um vizinho que estudava lá, que era na minha rua, e eu comentei com ele. “Ô, esse professor está fazendo isso e isso. Eu fiz isso”. Mas o diretor da escola começou a prejudicar. Queria porque queria identificar quem da escola fez isso. Não foi da escola, fui eu. Até ser descoberto, ele deixava o pessoal meia hora em fila na frente da escola. Toda a escola em fila, classe por classe, de castigo meia hora para alguém dizer quem furou o pneu do carro do professor. Depois de quase uma semana assim, esse vizinho com quem eu falei foi lá e me denunciou. Isso foi numa sexta-feira, na segunda-feira eu fui para a escola. Quando foi na hora do recreio, vieram me chamar na sala para dizer que eu teria que passar na sala do diretor. Fui lá, mas jamais pensei que estava associado com a outra escola. Quando cheguei, encontro vários professores, o responsável pelo internato, todo o staff do colégio, assim, em formato de ferradura, com o professor de latim lá.

Quando eu chego, o diretor da escola, um norte-americano: “O senhor reconhece esse prego?”. Aí foi também que me aconteceu um negócio que se repetiu em vários outros momentos da minha vida. Eu não sabia que eu tinha isso, foi a primeira vez que identifiquei isso. Na hora do perigo, veio uma frieza total e absoluta. Não sei o que aconteceu comigo na hora. Peguei o prego, fiquei olhando, coloquei contra a luz. Fiz um teatro friamente no meio de todo aquele staff da escola. Todo mundo me olhando, sem saber o que. Aí eu disse:

Eu acho que ele é muito parecido com o que eu coloquei no pneu do carro dele.

Ah, então o senhor reconhece?

Sim.

Mas porque o senhor fez isso?

Aí eu desanquei o professor: “Ele atira giz nos meninos na classe. Manda as meninas se fechar...” Todas as mazelas do professor, eu abri. Foi o último ano em que ele deu aula nesse colégio. E eu também. Foi o último ano em que eu estudei lá. Nesse dia eles me deram suspensão de três dias. Não expulsaram porque o ato tinha sido feito em outro colégio. Como segunda-feira era aula de Bíblia, era obrigado a levar uma Bíblia. Eu tinha um sapato de bico de ferro. Joguei a Bíblia para cima e comecei a chutar. Destruí a Bíblia todinha com página indo para tudo quanto é canto, numa ladeira até voltar para a sala de aula para pegar minhas coisas. Foi página de Bíblia para todo colégio. Uma violência que eu também não sabia que tinha. Mas nesse ato foi que se descobriu, tanto essa minha frieza, como essa minha capacidade de reagir.

Qual a consequência disso? Tempos depois, esse cara que me denunciou na sala de aula fez Escola Militar, era capitão da Polícia. Eu já estava aqui em São Paulo, em 71, e vi no Estadão. Estava lá o nome dele: Almir. Foi preso porque estava envolvido em roubo de imagens sacras das igrejas do Recife. Foi destituído e foi preso. E o outro, o meu vizinho, também foi para a Polícia Militar, chegou a cabo, era do destacamento. Mas, mesmo assim, eu consegui comprar dele uma caixa de balas 38 quando já estava participando do movimen-

to armado contra a Ditadura. Consegui adquirir dele umas 50 balas 38.

Internato

Aí eu tomei conhecimento de uma escola agrícola numa cidade do litoral e fiz o diabo para pegar a transferência e sair do Quinze. Todo mundo ficou impressionado comigo: “Que diabos deu na cabeça desse menino de sair da melhor escola da cidade?”. Para ir para lá, eu consegui até carta do bispo me apresentando ao diretor. A escola era conhecida como “escola de correção”. Eram os “meninos-problema” que iam para lá. Só que eles eram empurrados para lá e eu fui de livre e espontânea vontade.

Aí foi quando eu comecei a conhecer o mundo: me afastei da família, fui ser interno nessa escola agrícola. Foi quando eu aprendi o be-a-bá da vida fora de casa. Também aprendi a fumar, beber, enfim... Fugia muito da escola. Foi quando eu vi tudo, quase, comecei a ver muitas coisas. Não entendia ainda, mas eu vi o mundo. Cheguei a ter problema de saúde. Até achavam que era sífilis, mas não era sífilis. Começaram a aparecer umas feridas na perna que não saravam nunca. Já estava assim meio como um indigente lá na escola. Bebendo também, muito. Isso com 12 anos. Meu pai – eu escrevi para ele – foi me buscar e me tirou. Foi como se toda aquela minha vontade de sair, como se eu tivesse encontrado o fracasso... Tinha lá todas as idades. Ali eu tinha liberdade para me relacionar com as pessoas, escolher os amigos. Mesmo que fosse para fazer um monte de besteiras, mas eu estava livre para escolher, fazer as coisas. Então eu digo que eu vivi os meus 18 com 12 anos, que é quando você começa a sair fora. Foi interessante. Isso foi 62.

Eu consegui voltar para Garanhuns e ainda consegui recuperar o ano letivo. Lá tinha uma série de matérias agrícolas que eram diferentes do currículo da escola normal. Eu tive que estudar. Matemática foi uma das que eu tive que ter reforço, mas, enfim, recuperei. Também recuperei a saúde, mas ficaram algumas coisas. A bebida, diminuí, mas sempre frequentava, sempre visitava a bebida. O cigarro ficou. Iniciou o vício com 12 anos. Vim parar já depois, com os 40.

Colégio estadual

Eu lembro bem, em 1963, entrei no colégio estadual, que agora já estava no prédio próprio, a Escola Professor Gerônimo Gueiros. Eu estava fazendo o que era o equivalente hoje à oitava série, que era o quarto ginásial. Eu terminei o terceiro em 62 ainda e o quarto ano, que agora é a oitava série, eu fiz já no estadual. Tinha quase 50 alunos na sala.

Aí também se deu um momento muito interessante. Nós estávamos vivendo 1963, um ano antes do golpe militar. E ali na classe começa um movimento para eleger os representantes. Foi muito interessante que, assim, meio que naturalmente, eu me engajei nas atividades. Entrei numa chapa como vice-representante e quem ganhou foi um jovem que era mais velho. Ele usava a foíce o martelo na lapela da camisa. Era comunista e estava integrado em todo o movimento da época, das reformas de base. Comecei a primeira aproximação, comecei a ouvir falar o que era imperialismo, com 13 anos, aí, com esse rapaz.

No próximo ano, 1964, eu já estou fazendo o primeiro ano colegial e vem o golpe. A gente estava articulando o grêmio da escola. Aí começa uma outra fase, bastante politizada. No dia do golpe, no dia 31, o Rômulo já estava sabendo. Eu não estava nem aí para a questão do golpe. No dia 31 ele me chamou e disse: “Ó, os gorilas estão querendo derrubar o governo”. Aí eu pensei em um monte de gorilas vindo lá da mata. Mas os gorilas que ele falava eram os militares. Eu não conhecia o termo. “Eles querem derrubar Miguel Arraes, o Jango e a gente precisa reagir. Vamos fazer uma manifestação na cidade”. Eu digo: “Vamos lá”.

No dia primeiro, a gente ia começar parando a escola. Eu fiz o meu primeiro cartaz, de cartolina, levei o martelo e quatro pregos. O meu primeiro cartaz eu preguei com quatro pregos no muro de entrada da escola: “Greve geral”. Eu vejo esse cartaz até hoje, uma cartolina rosa. Fiquei o dia andando para cima e para baixo com o martelo, porque não tinha onde deixar o martelo. Aí, paramos a escola. Fechou. O diretor não sabia como se comportar. O golpe ainda estava andando, não tinha

ainda definição. Ele sempre ficava em cima do muro em tudo e falou que quem quisesse aderir à greve estava livre para aderir. Um dia sem aula, para todo mundo, era... O Rômulo chegou a fazer um discurso falando da tentativa dos militares de derrubar o governo eleito e daí nós fomos para a cidade. Antes disso, ele passou na delegacia. Ele entrava na delegacia como se estivesse em casa. Entrou na delegacia e passou um rádio para Recife para saber como é que estavam as coisas. Quando saiu da delegacia, saiu meio pálido e disse já: “O negócio tá ficando feio, parece que acabaram de prender Miguel Arraes”.

Fomos para o sindicato dos bancários e lá foi decidido fazer um boletim. Foi a primeira vez que eu vi um mimeógrafo e a primeira vez que distribuí um panfleto na rua: chamando para a passeata às 15h da tarde. Quando eu estava distribuindo o panfleto, passou um padrinho meu que era dono de uma oficina mecânica. Hoje é morto. Ele disse: “O que que você tá fazendo?”. “Eu tô distribuindo isso aqui”. Aí ele pegou no meu braço de forma violenta e me empurrou dentro do jipe: “Vamos pra casa agora”. Quando a gente estava saindo da via principal, estavam acabando de descer quatro carros do Exército com metralhadoras, com tudo, e eles começaram a fazer um ninho de metralhadora com saco de areia na rua principal da cidade. Eu vi ainda a invasão do sindicato dos bancários, jogando todos os livros do sindicato na rua. Fizeram uma fogueira com a biblioteca do sindicato dos bancários de Garanhuns.

Essa foi a minha primeira visão de violência do Estado: esse ninho de metralhadora e a invasão do sindicato dos bancários. Esse padrinho me levou para casa. Minha mãe cavou um buraco e enterrou o resto do boletim. Hoje, eu pagava qualquer dinheiro para ter uma cópia desse boletim. E eu tive que ficar em casa, prisão domiciliar pela família. Como não tinha o que fazer, fiquei ouvindo as ondas curtas, o rádio. Eu tentava pegar rádio de Minas ou, depois, do Rio de Janeiro. Algumas rádios que resistiram ao golpe. Eu estava ouvindo, aí, daqui a pouco, a rádio: “Pú”. Parava e começava o hino do Exército, marchas militares. As rádios estavam sendo silen-

ciadas, todas. No dia 02, já estava o golpe estabelecido. Para mim, foi como se a atmosfera se enchesse de uma névoa. Aquele negócio ruim, um ambiente ruim.

O Rômulo foge. Eu não fujo porque era muito jovem e não tinha grande integração nas coisas. Então não teve uma perseguição direta, mas, mesmo assim, o diretor fez uma repreensão diante de toda a escola e me chamou de comunista. Eu nem sabia o que era isso, só tinha ligeiras noções. A partir daí, eu fiquei, por causa desse diretor, como “o comunista”. Na prática, substituí, era o vice desse que saiu. E esse que saiu também perdi de vista, nunca mais vi. Quando vejo esse rapaz, para minha surpresa, vejo na Globo como um dos “arrepentidos da ditadura”: eles forçavam, tipo Massafumi e outros que foram dizer que se arrependeram de ter entrado no movimento revolucionário. Esse cara hoje é da extrema direita e está aqui no Vale do Paraíba, é Rômulo Augusto Romero Fontes. Encontrei a referência dele na internet em alguns livros de estudantes, em uma tese de doutorado falando sobre os arrepentidos da ditadura. Uma menina aí não sei de onde não. Hoje, refletindo, na minha classe, lá em 1963, em Garanhuns, estavam dois - o representante da sala e o vice, que era eu - que iriam participar do movimento revolucionário com dois desfechos bem diferentes um do outro.

Virada total

Todos aqueles valores que eu comecei a odiar com 11 anos, lá na escola, vi aqueles valores se avolumarem e tomarem conta de tudo. Onde eu ia, todos os valores que hoje eu considero elitistas, preconceituosos, tudo tomou conta da vida da cidade. Então eu comecei a viver num lugar totalmente adverso para tudo que eu estava começando a pensar. E tinha que conviver com isso. Aí, não teve outra: aumentei o uso da bebida. Tinha algumas fugas. Não tinha muito o que fazer.

Eu era um dos primeiros alunos até o segundo ano colegial. No primeiro ano e parte do segundo ano, era um dos primeiros alunos de física, dava aula para a minha classe. Eu aprendia rapidamente e já ensinava para os outros. Em 1965, 1966, dei uma virada total, aban-

donei as chamadas ciências exatas e comecei a estudar e a procurar filosofia, política, sociologia. Mudei totalmente o rumo. O que sobrou era a biblioteca da prefeitura, a biblioteca pública. Praticamente, o ano de 1965 e 1966, foram dois anos que eu vivi quase que internado nessa biblioteca. Era um grande problema lá em minha casa. Meu pai: “Que diabo esse menino tem que não sai da biblioteca?”. Ia lá e lia grandes biografias, lia tudo. E tinha alguns livros lá que o Exército não conseguiu identificar, porque eles pegaram os de capa vermelha, os livros vermelhos todos. Tinha lá um livro sobre o materialismo. Esse era o livro que eu mais lia na biblioteca da cidade. O que me segurou, outra coisa também, foi a namorada. Foi um grande amor da minha vida, justamente nesse período: 1964, 1965, 1966.

Em 1967, tinha um amigo que já tinha ido fazer vestibular no Recife. Ele tinha passado em Agronomia e estava morando lá no Recife. Quando ele vinha para a cidade ou nas férias, contava as novidades e algumas delas eram do movimento estudantil. Algumas ações que estavam se iniciando no movimento estudantil na capital. Eu sei que através dele foi articulada a vinda de um estudante aqui do sul, que iria levar um material para a gente, um material revolucionário. Foi criada uma expectativa enorme, até que chegou o famoso dia. Era um cara de Minas. Por acaso, o nome dele era Nilmário Miranda, 1967. Que foi ministro dos Direitos Humanos aí do Lula, até agora a pouco. Deputado federal hoje. Então, Nilmário levou lá os primeiros materiais de crítica. Inclusive, o título do material que ele levou era muito interessante. Domingo passado, o Fernando Henrique publicou um artigo no Estadão com o título do material que o Nilmário me levou em 1967, que é: “Onde vamos?”. Só que era de um grande revolucionário, austríaco, alemão, o Eric Sachs, conhecido na época como Ernesto Martins, nome de guerra. Um dos teóricos fundadores da Política Operária no Brasil. E esse material foi devorado pela gente. Encontramos alguma dificuldade, mas fomos nos ajudando. Aí, já foi o primeiro contato com o movimento. Depois da aproximação de 1964, foi, em 1967, quando eu comecei a pegar realmente uma litera-

tura de esquerda. É também o último ano, estou terminando o colegial, e, em 1968, já vou estar no Recife.

Através do contato que a gente tinha com essa pessoa, que é o Paulo - que me antecedeu na geração, que foi fazer faculdade no Recife - já fui participar de reuniões do movimento estudantil, mesmo estando em Garanhuns. Nessas reuniões, fiquei responsável por articular o Agreste e região serrana: Caruaru, Garanhuns, Arcoverde. Fui nessas cidades todas buscando contato e articulando o primeiro congresso de UBES depois de 64 no estado de Pernambuco. E nós realizamos esse congresso. Foi na Grande Recife, em 1967. Chegando lá, esquema de segurança, todo mundo com olho fechado, aquelas coisas todas. Para mim, era tudo novidade. Mas começava um enfrentamento, a reorganização do movimento estudantil. Uma das coisas que eu acho que é digna também de nota é que as questões que foram colocadas no congresso, para mim, foram muito encrascadas. Se discutia lá a aliança operária estudantil camponesa, que era gritada e falada por um monte de jovens, que, depois eu fui identificar, era uma corrente trotskista. Mas bem depois eu fui entender isso. Insistiam muito no tema da aliança operária estudantil camponesa. Depois tinha a questão contra a infiltração imperialista no ensino e abaixo o Acordo MEC-USAID. Foi um dos grandes temas desse encontro clandestino: o primeiro congresso de UBES na clandestinidade, no estado de Pernambuco.

Nesse congresso, duas coisas foram importantes na minha vida. Primeiro, eu ficava extasiado com a quantidade de gente. Eu não estava sozinho, descobri que não estava sozinho. Toda aquela angústia que eu sentia, começava a ver que tinha um monte de gente disposta a brigar por isso. Para mim, foi um... saber que tinha gente disposta a briga por aqueles valores. E, depois, as relações: tinha gente de outros estados como articuladores da UBES. Teve um dia lá de manhã que um dos congressistas conseguiu sintonizar pelas ondas curtas a Rádio Havana e nós ouvimos um discurso do Fidel Castro. Isso foi um negócio que marcou o congresso. Todo mundo parou, aquele silêncio total para ouvir. Bem difícil pelas ondas curtas, chiando, mas a gente ouviu o dis-

curso do Fidel Castro nesse congresso. Para mim, aquilo ali era coisa de outro mundo. Depois desse congresso, saí e fiz o meu rádio em Garanhuns começar a sintonizar a Rádio Havana e a Rádio Pequim, edição para português. Então, pelas ondas curtas, eu já tinha contato com o movimento comunista internacional, sabendo notícias e as questões que estavam em debate na época.

Uma outra coisa: eu tive uma participação e, de certa forma, me destaquei, porque levantei a questão que estava desvinculada. O congresso não estava dando resposta nenhuma à situação concreta do aluno na sala de aula e às dificuldades encontradas pelo local de ensino, local de estudo. Eu intervi e me surpreendi também com um monte de gente que, quando eu levantei a questão, veio imediatamente em meu apoio. A questão das lutas específicas começou a ter lugar dentro do congresso. Mas foi aos empurrões que isso aconteceu, porque, se deixasse no ritmo lá, ia ficar só nas questões gerais e não ia descer. Essa foi também uma coisa: eu verifiquei que o pensamento na situação concreta é importante. Se tirar isso, vai ficar etéreo. Vai ficar sem lugar.

Eu encontrei aí uma pessoa que me passou dois livros. Esse também foi muito marcante na minha vida. Fiquei sabendo depois que ele não deveria ter levado esses livros para o congresso, porque era contra as normas de segurança. Porque, se houvesse prisões, não identificaria com o movimento revolucionário. Mas ele levou dois livros e perguntou se eu topava levar esses livros para ler. Ele me identificou como uma pessoa ativa. Esse cara também, esse companheiro, não esqueço nunca dele: o Samuel, Samuca. Samuel me emprestou esse livro e foi outro fenômeno. Só saí de casa quando li os dois livros. Um foi "A concepção materialista da história", de Plekhanov, o russo. E o outro foi "ABC do comunismo", do Bukharin. Quando chego em casa, me interno dentro do quarto. Minha mãe ficou: "O que que está passando?". Mais uma surpresa para ela. Eu não saía de casa, só lendo. Nunca viu tanto interesse em um livro. Mas, quando eu saí de casa, o mundo ganhou mais um comunista. A minha opção pelo comunismo se deu saindo desse seminário, com a leitura desses livros. A

partir desse dia, eu não me desvinculo mais do movimento revolucionário, do movimento comunista no mundo. Tem quase dia e hora. Foi aí.

Outro fato interessante foi que, assim como o Rômulo entrou na história como o cara que abandonou o movimento e passou para o outro lado, o Samuca foi o único companheiro – ele e mais outro que eu não sei o nome – que conseguiu fugir do presídio de Itamaracá. Enfrentou o mar nadando. O presídio de segurança máxima lá e eles conseguiram fugir. Depois eu fiquei sabendo. Foi dado como desaparecido, porque, para enfrentar aquilo ali... Mas o Samuca sobreviveu e eu sei que ele está vivo, está em Salvador. Eu gostaria muito de falar com ele.

Recife

A partir daí, a questão da minha vida todinha, praticamente... Eu ainda tentei fazer vestibular para Economia, mas já estava totalmente integrado no movimento. Foi o ano também que introduziram português. Não me preparei no português e eu sei que fui reprovado lá no português. A primeira vez em que fui reprovado em alguma coisa em estudo foi no vestibular em 1968. A partir daí, tomei outro rumo. Porque, ligado ao movimento revolucionário, veio o AI-5, em 1969, e, aí, a coisa desandou. A organização de que eu participava decidiu ir para a luta armada. Foi um processo muito, muito difícil e de muitas discussões. E depois da gente começar a colocar a questão da luta armada no cotidiano, não foi fácil. A gente vinha de uma experiência que não era da luta armada. Foi uma discussão que demorou para decidir, mas, decidido, começamos a achar que um núcleo bem decidido e armado iria conseguir motivar o povo e acelerar o processo de desgaste, de derrubada da ditadura.

A minha primeira participação, eu começo no famoso GAP – Grupo Armado de Propaganda. Participei de várias ações armadas de propaganda. Uma das famosas foi um comício que a gente fez na porta da fábrica Maxcaxeira – não existe mais – na Avenida Norte no Recife. Quem falou lá foi outro conhecido lutador, o Marcelo Mario Melo. Foi inclusive secretário da Cultura em um

desses governos aí passados lá em Pernambuco. Marcelo foi quem fez o discurso e eu fui o responsável por fazer o pichamento e colocar uma bandeira com o retrato de Che Guevara, aquela famosa cara do Che Guevara, no fio de alta tensão em frente à fábrica. A gente fazia várias ações dessas, armadas, sempre no sentido de chamar. Todas as datas, 21 de abril, todos os momentos libertários conhecidos, a gente promovia ações armadas de propaganda.

Armada, porque a gente ia para enfrentar. A gente dava as caras e segurava a ação com arma na mão. Eram ações armadas mesmo. Numa dessas poderia haver... poderia ser a última. Se aparecesse polícia ou qualquer repressão, não tinha dúvida nenhuma como a gente abria fogo. Como já abrimos. Teve uma em que a gente abriu. Numa propaganda de voto nulo, nós trocamos tiros no meio da rua. Eu ouvi a bala passar pelo ouvido: “Vrumm”. Em Recife. Isso, eu estava com 17 para 18 anos. Quando houve a decisão de ir para a luta armada, começamos exercícios, começamos a aprender todas as técnicas, a produzir bombas caseiras, auto-defesa, como destruir um tanque de guerra. Enfim, o que tinha na época possível nos foi passado. Começou a ter a preparação para o enfrentamento.

Para me sustentar, primeiro, trabalhei em um banco, no Recife. Também teve uma passagem em Garanhuns em que eu trabalhei em um banco. E foi em 1964. Já tinha acontecido o golpe. Quando eu estava no banco – Banco Nacional do Norte, em Garanhuns – não estou lembrado o dia, mas tinha um rádio ligado lá baixinho. Eu trabalhava na carteira de conta corrente e tinha uma pessoa com um radinho ligado no Repórter Esso. O Repórter Esso é famoso. Quando dava aquela musicazinha do Repórter Esso, chamava a atenção de todo mundo. Aí, quando dá a primeira notícia: “Humberto Alencar Castelo Branco acaba de falecer num acidente aéreo”, eu dou um pulo da cadeira e digo: “Viva!”. É claro que no outro dia eu não estava mais no banco. Essa foi a minha experiência de bancário, curta experiência de bancário. No Recife, eu volto para o banco: Banco Brasileiro de Descontos. Também só trabalho dois meses e peço a conta.

Fui trabalhar numa entidade dirigida por usineiros, pelas mulheres de usineiros: Cooperarte, cooperar na arte. Bom, eu resumo ela em: ensinar para o camponês a transformar o limão em limonada e se adaptar às condições de vida de exploração das usinas, das quais os usineiros eram os maridos delas. Então fazia, praticamente: “acostumar” ou tirar melhores recursos da miséria existente. Só que eu já estava ligado à organização e, quando eu fui, tinha que passar 15 dias no campo, na usina, em contato com os trabalhadores. Era tudo que eu queria. Fui logo para a Comissão do Campo. Comecei a trabalhar na articulação dos camponeses, dos trabalhadores rurais da cana de açúcar. Vou até o dia em que um capataz me pega. Eu cometi a insensatez de promover uma reunião na hora do trabalho. Como não tinha ninguém lá no campo, eu reúno o pessoal. Comecei a conversar, aí, no meio da conversa, apareceu o capataz. Chega de cavalo, armado, igual a faroeste: 38 do lado, carabina 44. Era assim, o capataz. Se apresenta, eu me apresento. “Você não pode parar o corte da cana”. Aliás, não era o corte, o plantio da cana. “É melhor o senhor vir comigo”. O pessoal voltou para o plantio e eu fui para a casa grande, para a usina. Eles passaram um rádio para Recife. Passei momentos difíceis lá. Não sabia o que ia acontecer comigo, estava na mão dos caras. Mas eles decidiram mandar um jipe comigo e me devolveram para Recife. Voltei. Essa questão foi levada lá para a direção, aí resolveram pedir para eu não ir mais. Quer dizer, eu fui demitido do trabalho. Acho que foi isso.

Nesse meio tempo eu tinha feito um concurso para a FIAM - Fundação Instituto de Administração Municipal. Foi uma ação da ditadura para aplicar da melhor forma possível a lei 4320, famosa lei que organiza a administração pública municipal. Eles preparavam técnicos para atuar junto com as prefeituras. O olho deles era principalmente no Fundo Municipal, o Fundo de Participação dos Municípios, o dinheiro federal que vai para os municípios. Para não ser gasto, para vincular esses gastos do Fundo de Participação dos Municípios. Eu passei quase um ano estudando a 4320. Contabilidade e orçamento público, que era a única coisa que eu não

queria da minha vida, e eu tive que estudar. Terminei participando do orçamento plurianual de 1970 e plurianual de 1971, 1972, de Caruaru. Eu passei lá, organizei, orientei e era muito esquisito porque era bem novo. Em 1970, estava com 19 para 20 anos e fazia palestra para prefeito, para secretário, uma coisa assim meio...

Primeira fábrica

Até que, na organização, como eu tinha saído da Comissão do Campo - porque eu não tinha mais contato com os trabalhadores rurais -, fui participar da Comissão Operária, me dispus a participar da comissão operária. E aí veio a decisão de ir para a fábrica. Quando eu coloquei em discussão na célula que eu estava, ninguém topou, ninguém. “Olhe, se você quiser ir, você vai”. Não houve uma decisão de eu ir. Ninguém tomou. Achavam que era uma decisão muito forte. Aí, eu digo: “Vou para a fábrica”. Fiz todo um caminho para entrar numa fábrica lá. Lembro como hoje que quando eu fui lá para me apresentar, tinha um contato de uma pessoa que não era nem da nossa organização, era da ALN, o chefe da oficina dessa fábrica. E quando eu me apresentei, de manhã cedo eu peguei pó de café e esfreguei nas mãos, para apresentar as mãos mais... Tentei me disfarçar de operário. Quando chego na porta para solicitar emprego, a menina: “É para escritório, é?”. Digo: “Não, para a fábrica”.

Chamaram o famoso Zé de Brito. Uma figura, precisava fazer a história dele. Mas não deve estar mais vivo. Ele aprendeu toda a profissão, aprendeu todo o mecanismo da fábrica de fertilizante. Era responsável pela oficina e manutenção de todas as máquinas. Ele sabia onde estava cada parafuso de todas as peças de todas as máquinas da Profertil. Quando eu me apresentei, ele sabia já que ia ser procurado. Aí: “Vamo lá fazer o teste”. Não tinha mais teste, já estava decidido que eu ia entrar. Ele me apresentou às pessoas, me mostrou o ambiente de trabalho e eu fui trabalhar como meio oficial serralheiro. Foi minha primeira profissão dentro da fábrica.

Em 1970, em 1969 também, eu começo a ter uma relação com uma companheira. São as festinhas do

movimento estudantil, em Recife. Terminei conhecendo uma companheira, a gente começa a namorar, só que, no meio desse namoro, ela engravida. E, na época, lá em 1970, quando informei isso para a organização, não deu outra: “A recomendação é abortar”. Aí se deu também uma coisa muito dura na minha vida. Eu fui discutir com a companheira essa questão e ela não aceita de forma alguma. Quer ter o filho, que assume a responsabilidade. Na época, muitas crianças estavam sendo torturadas na frente dos pais para os pais delatarem. Então, para continuar na atividade que a gente estava, com filho, seria praticamente inviável. Ia significar praticamente um afastamento nosso do movimento ou daquela frente de luta lá. Eu sei que a gente se junta. Quando ela estava com oito meses de gravidez, tinha momentos que a gente dormia vestido, de sapato, com a carabine do lado. Com oito meses de gravidez, não dava para segurar uma barra dessas. Ela teve que se afastar e voltou para a casa dos pais. Aí, o Marcelo nasce...

Já é o ano de 70, esse ano todo de recuo, o desastre das prisões. Também foi quando eu decidi entrar na fábrica, ganhava um salário mínimo. Uma vez ela foi me levar uma carteira de estudante para baratear o meu transporte e eu marquei com ela na porta da fábrica. Quando ela me viu com a roupa da fábrica começou a chorar, como se fosse o fim do mundo. Começou também os abalos, a família começou a exigir que eu abandonasse o movimento. Para isso, tinha que sair da fábrica, tinha que sair do que eu estava construindo. A família sabia que eu estava no movimento, a minha família e a dela também. A decisão foi eu vir para São Paulo tentar alguma coisa aqui.

Estava um momento muito duro, 1970, no Recife. A repressão cada vez mais violenta. Os companheiros nessa época foram fazer o congresso da minha organização: o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). Foram fazer um encontro no Nordeste, no Rio Grande do Norte e a polícia conseguiu detectar e prendeu praticamente todo mundo. O meu primeiro contato foi com o pessoal da Política Operária. Mas depois, no Recife, achei que a Política Operária só estudava, estu-

dava e eu não via ação política nenhuma. O PCBR, pelo contrário, estava com intervenção concreta em várias áreas e eu terminei indo para o PCBR. Ficava também discutindo com o pessoal da Política Operária, porque a questão operária para mim era muito forte. É tanto que, no PCBR, fui para a Comissão Operária. Primeiro, para a Comissão do Campo e, depois, para a Comissão Operária. E foi aí que eu decidi ir para a fábrica. Só que, nessa fábrica, foi nesse momento que caiu a direção nossa todinha lá no encontro. Caiu Marcelo, todo o pessoal e também na fábrica houve uma queda.

Eu estava trabalhando, na sexta-feira, me lembro até hoje, 2h da tarde. Estava cortando uma chapa enorme de ferro com um maçarico, quando entra um cara de terno. Passa assim na minha frente. Eu tiro o óculos de proteção para olhar. Quando vejo, é um cara que está entrando com um revólver na mão. Eu digo: “Pronto, támo perdido”. O pensamento começa a rodar. Daqui a pouco, três companheiros saem algemados da seção, inclusive o chefe, o Zé de Brito. Já velho, com cabelos brancos naquela época. Só nesse dia eu fiquei sabendo que, lá na oficina, se produzia carabines, se produzia espingarda de 12 polegadas. E o ferreiro que fazia essa espingarda, inclusive todas as peças da espingarda, era uma coisa impressionante. O cara fazia peças, tudo forjado, batendo aço. Esse cara não sabia escrever o nome e eu ensinei a ele a escrever o nome. Inclusive ajudando, pegando na mão dele. Esse cara, era Deus no céu e eu na terra. Ele deixou de assinar com a impressão digital, passou a assinar com o nome e sempre agradecia a mim, porque eu ensinei. Tive paciência para ensinar ele a escrever o nome. E ele foi um dos que saiu também algemado.

Eu não sabia. Sabia que tinha treinamento de tiro. Porque, sábado, quando a gente fazia hora extra, tinha umas tábuas lá que a gente colocava e tinha vários revólveres dentro da seção, mas eu não sabia que eles estavam organizados na produção de armas ali. O treinamento de tiro ficava assim meio como esporte. Não era uma coisa sistemática de treinamento militar. Era meio esporte, mas se sabia também que, quando eu dava tiro ali,

dava já tentando exercitar e ter as técnicas de atirar. Mas não era uma coisa assim definida por organização nem nada. Era como se fosse uma brincadeira ali da seção, para mim ficava até aí. Só que eles estavam realmente na produção de espingarda 12.

Quando ocorreu isso, com a queda que estava havendo, muitos companheiros que já estavam presos estavam em processos em que eu aparecia. Eu aparecia em sete processos com nome de guerra, e os caras não conseguiram associar com o meu nome. Foi quando eu vi que, qualquer prisão que eu tivesse ali, eu ia imediatamente aparecer nos sete processos. Ia ser acareado. Se eu fosse pego ali, estava fritado. Aí eu discuti com um padre amigo meu da Pastoral Operária. No caso, lá, era Ação Católica Operária, padre Romano, que já é também falecido, suíço. Discuti com ele a situação e falei: “Olhe, tô nessa situação, assim, assim”. Ele disse: “Olhe, vamo dá um jeito. Você topa ir pra São Paulo?”. Eu digo: “Vou”. Aí ele fez um contato aqui em São Paulo e me arumou, parece que na época foi 200 cruzeiros, alguma coisa assim.

E eu também estava nas últimas na organização. Teve um incidente lá também que foi forte. Um companheiro que estava querendo se afastar da luta, estava procurado, e decidiram mandar ele aqui para São Paulo, antes de mim. Foi decisão da organização, para afastar ele da repressão de Pernambuco. Por causa de uma namorada, ele foge, sai do esquema e volta para Recife. Quando a organização toma conhecimento que ele voltou, prende, porque ele conhecia muita coisa, tinha participado da direção. Se ele abrisse a boca, derrubava todo o resto da organização. Deixaram ele preso numa casa, num dos aparelhos da organização, com outro companheiro tomando conta. Eu sei que ele vai conversando, conversando, daqui a pouco pula em cima do companheiro, toma a arma dele e foge. Aí a organização decreta a morte dele. Então ficou todo mundo uma semana procurando esse rapaz. Se visse, não tinha mais o que conversar. Era apagar. Foi como se fosse uma condenação à morte. Eu achei um horror isso. Eu estava no esquema, tal, mas, para mim, não era uma coisa

tranquila uma decisão dessa. Mas colocava a questão de segurança, sobrevivência de tudo e ficava...

Um certo dia eu vou para a casa de um padre amigo meu, numa igreja, e quem eu encontro? O companheiro. Estava escondido na casa do padre. Quando eu chego, ele me abraça, começa a chorar e falar da situação. Esse padre amigo meu, também falecido – encontrei na internet a história dele, ele se reporta à nossa atuação na juventude em Garanhuns – ele foi também uma peça importante de apoio da paróquia. Padre Francisco. Ele me falou da situação dele. O outro padre, um tal de Edvaldo, estava negociando com o Dops um acordo para tirar ele fora das coisas, mas a conversa era que ele delatasse os companheiros. Aí estava a encrenca.

Eu caí na besteira de dizer para o pessoal: “Olha, eu encontrei fulano”. “Onde? Onde? Onde?”. “Calma aí, não vou dá... Acho que a coisa tem que ser resolvida de outro jeito”. Aí não teve discussão comigo: “Se você não abre, você tá fora”. Eu fui quase que colocado fora da organização por não entregar esse companheiro. Mas aí também já coincidiu com as articulações minhas para sair de lá e eu saí. Isso aconteceu quase uma semana antes de eu sair do Recife. Eu digo: “Tudo bem, não vou fazer isso”. Aí ficou uma relação meia azeda com a organização. Mas como eu já saio de lá, nem sei qual foi o desfecho. Até hoje não conversei com esse rapaz depois disso. Sei que ele é vivo, mas não conversei mais. Mas teve um desfecho lá... Eu sei que ele sobreviveu.

E, nisso, o meu nome apareceu em Pernambuco para a repressão num processo que não tinha nada a ver comigo, nem com a minha organização. Era da Ação Popular. Um cara que era responsável por uma biblioteca, eu sempre conversava com ele, era amigo porque ele era responsável por uma biblioteca da Ação Bíblica. Não sei. Era presbiteriana ou outra aí. Era batista, eu acho. Pessoal da Igreja Batista, mas um pessoal progressista. Ele era responsável pela livraria e sempre eu passava lá e conversava com ele. Ele foi preso em algum momento e foi o cara que sabia meu nome. Foi a primeira perseguição com o meu nome. Foram atrás. Também nesse período, antes de ir para a fábrica, eu fui monitor da TV

Universitária para curso de alfabetização de trabalhadores. Era também uma forma de estar em contato com os trabalhadores. Foi quando eu fui para a Comissão Operária. Inclusive dei aula dentro da Coperbo, fábrica de borracha sintética na Cidade do Cabo. Inclusive dali teve vários contatos que eu passei para a organização. Vizinho do Recife. Não é na África não. Quando saio, já estou com a notícia de que a polícia me procurou. Já tinha saído da TV universitária, foi logo quando foi criada a TV Universitária. Mas tinha ficado uma pessoa na TV que me conhecia, soube do fato de que a polícia esteve lá me procurando e comunicou com a mãe do meu filho, do Marcelo, dizendo: “Olha, foram buscar Cleodon lá”. Eu já não estava mais lá. Então isso é mais um fato que me empurrou para São Paulo. Se eu caísse, já ia ser relacionado com aqueles processos todos.

São Paulo

Aí eu vim para São Paulo, 1971, capital. Quando eu vim para São Paulo, a experiência da luta armada já está sendo fortemente questionada. Os resultados dela estavam sendo fortemente questionados. A Política Operária, que não entrou na luta armada, voltei a me relacionar com eles. Quando cheguei aqui, em São Paulo, já cheguei em contato com a POLOP. E as primeiras conversas minhas foram com o pessoal da POLOP que morava em Santo André. Mas alguma coisa não me deixou ir para o ABC. Eu comecei a trabalhar em São Paulo e fiquei em São Paulo. Vim também com contato com a igreja, com uma pessoa da Pastoral Operária aqui de São Paulo, o Waldemar Rossi, que é uma figura muito conhecida e até hoje tem uma atuação forte na Pastoral Operária. Aposentado, mas uma consciência, um dos grandes companheiros. Origem cristã, católica, mas... Trabalhamos juntos 20 anos. Aí começa a articulação para a construção da Oposição ao Sindicato dos Metalúrgicos aqui de São Paulo.

Aqui ficava toda a questão da luta e aquela perseguição toda, o período pesado do Médici, do Garrastazu Médici. Trabalhando numa fábrica, sozinho, sem família, sem ninguém. 1971, aqui, foi enfrentar totalmente o

desconhecido. Uma cidade dessa, enorme... Os contatos com a organização eram a única coisa que davam uma vida. Era quando tinha uma reunião, um contato com algum companheiro. Mas isso estava se dando quase que de 15 em 15 dias ou de mês em mês. Até que eu retomo o contato com o movimento operário daqui da cidade de São Paulo. E, aí, entro numa articulação maior para organizar o movimento de oposição. Já estou na fábrica, já me associo ao sindicato, já tem atividade no sindicato. Vai um pouco engrossando o caldo da vida. Porque eu não tinha... E ainda com pressões para escrever, não podia escrever, não podia ligar para lá, porque estava tudo cercado.

A minha casa em Garanhuns ficou vigiada pelo Exército um tempão. Em Recife, a casa do meu tio, onde eu fiquei uns tempos, ficou vigiada. Quando começaram a me procurar lá, eles não conseguiram me associar a nada, mas desconfiaram que era um contato que era necessário pegar para ver. Aí ficaram atrás, mas ninguém deu pista, tirei todas as fotos que tinha em casa, foi tudo tirado. Enfim, isolamos. Fizemos uma barreira isolante, ninguém sabia que eu estava em São Paulo. Comecei a usar o sobrenome: Silva. E Silva é o anonimato assinado. Isso me ajudou bastante. Eu não precisava usar outro nome. O primeiro nome eu abandonei, o Cleodon, que lá estava procurado.

Aí fui me aproximando e cada vez mais avançando com os trabalhadores metalúrgicos aqui da cidade de São Paulo. Mas tinha pressão. Por exemplo, eu fui algumas vezes na USP, conhecer, e ficava: “Como é que eu vou resolver? Vou fazer ainda universidade ou não?”. Foi um dramão das coisas. E praticamente era colocado: “Quem não faz universidade é um fracassado”. Estava colocada a decisão minha e você se firmar e fazer faculdade, na atividade em que eu estava, nas coisas em que eu estava, era muitíssimo complicado. Aí fui deixando. Sofri muito com essa questão, mas, por fim, eu fui deixando e foi consolidando o meu caminho fora da universidade. Mas isso aí era uma dor muito forte, não fazer. Mas, aos pouquinhos, eu fui assimilando isso e vendo também que era possível adquirir os conhecimentos ne-

cessários para várias coisas fora da universidade. Todo o meu caminho foi fora, um caminho autodidata.

Outro drama também, forte, foi que... Eu trabalhava numa fábrica de móveis de aço, Tatuapé, não existe mais, fábrica de móveis Padrão. E tinha uma rua que tinha um casal de velhos que me alugou um quartinho de madeira. Era perto da fábrica, então eu comia numa pensão lá próximo e morava nesse quartinho, vizinho da fábrica, praticamente. E foi nesse quartinho que eu vim receber a visita do padre que me fez a ligação para eu vir para São Paulo. Sempre: "Oui. Oui". Suiço, francês. "Eu trouxe uma carta pra você". Da mãe do meu filho, da Gesilda. "Uma notícia". Para a gente conversar um pouco e tal. Ele já me anunciou que a notícia não era boa, quase. Eu comecei a ler. Era uma carta dizendo que não estava aguentando o tranco, que, por levar meu nome, que estava sendo procurado, a vida dela virou um inferno. Ela ia para a praia, aparecia uns paqueras. Daqui a pouco, na verdade, era o pessoal do Exército. Todo mundo mais interessado no pai da criança do que nela. E começou um cerco muito pesado e ela decidiu pedir o divórcio. Junto ele trouxe a cópia do divórcio. Éramos casados. Não vou esquecer nunca que "a depoente declara o destino incerto e não sabido do esposo". Isso é forte. O que fazer? Não tinha muito o que fazer. Estava consumada a separação. E a relação com o filho... Eu fiquei praticamente oito anos sem poder vê-lo, por problema de segurança. Criou aquela coisa terrível, horrível. Foi aí que se deu o divórcio. Eu recebi nesse quartinho de pensão. Sozinho, na época, foi um negócio muito duro, muito duro. Selva de pedra, sem dinheiro, sem inserção. Só que o mundo operário e as relações tinham uma vida grande. Então comecei a me realimentar com outras relações.

Sucateamento

Depois que eu saí da fábrica de móveis de aço, fui para uma fábrica de produção de embalagens de cosméticos: aerosol. A fábrica era uma parte da família dos Matarazzo, no Pari. Ali eu estava no controle de qualidade e me interessei muito pelo controle de qualidade, princi-

palmente na parte estatística, no controle estatístico de qualidade. Pelas manifestações dos fenômenos, das falhas que se davam durante a operação e como se davam, onde se davam, o tempo em que se davam. O registro dessas falhas dava uma orientação de como você abordar o problema e onde é que estava sendo provocado mais falhas. Se era o ferramental, se era a forma de fazer, enfim, várias pistas para melhorar a qualidade, evitar estragos e refugio na produção.

Eu sempre me envolvi, sempre me envolvi. Claro, o meu trabalho principal era a organização dos trabalhadores, era a articulação, identificar os companheiros mais combativos, passar literatura de combate ao sistema capitalista e ir minando permanentemente onde eu podia. Eu estava ali dentro da fábrica para organizar os trabalhadores, não só pelas questões dos seus interesses imediatos, mas difundindo, sempre que possível, a literatura socialista. Isso aí era líquido e certo. Mas a produção me chamou muito a atenção. E nessa fábrica aí – era Ardea o nome da fábrica – foi quando eu vi toda aquela... Na fábrica de móveis, tinha algumas máquinas para trabalhar com chapa de aço, mas não tinha maiores complexidades, era montagem de móveis. Mas nessa, na Ardea, tinha desde o processo da fundição dos discos de alumínio, o tratamento térmico dele para amolecer, até a prensa, que seria a extrusão do disco para a produção dos tubos: bisnagas de pastas de creme dental e aerosol para desodorante, shampoo, essas coisas. Então a maquinaria era mais complexa do que na fábrica de aço.

Uma das coisas que ocorreu é que um dos sócios lá – até hoje não sei bem que nível, sei que era visto como um dos sócios da fábrica –, ele sempre se interessava pela qualidade e, às vezes, vinha conversar comigo. Ele queria ver os relatórios que eu estava preparando. Inclusive, nas conversas comigo, me levou para um cliente que usava as embalagens, para eu ver como é que era o processo de montagem lá na outra fábrica. Passei um dia em outra fábrica que usava os produtos dele. Ele tinha uma relação comigo mais próxima. Sempre que passava, dava um alô, conversava, perguntava alguma coisa. Numa dessas, ele foi me mostrar, numa outra

unidade da própria fábrica: “Venha, eu vou lhe mostrar uma coisa”. Fui, curioso, não sabia o que ia ver. Aí ele me mostrou uma máquina que tinha o comprimento praticamente do quarteirão inteiro. Vinha a chapa de Volta Redonda, não sei de onde, a chapa de ferro. Essa chapa era colocada na esteira, entrava, saía e fazia todo um processo de corte. E o resultado final era que ela já saía nas caixas, sem embalagem, já com a impressão do produto na tampinha, com as cores da embalagem. Era uma tampinha de garrafa de rosca. Acho que hoje praticamente não existe. Quando ele me mostrou, no momento em que me mostrou, estava parada. Ele pegou: “Essa máquina aqui, todinha, nós acabamos de perder”. Eu fiquei assustado. “Como? Uma máquina da... Perdeu como?”. Aí ele tirou do bolso um conta-gotas de plástico. “Isso aqui acabou com essa máquina”.

Para mim foi uma aula de produção, do sucateamento das coisas. Uma inovação, a invenção do conta-gotas, sucateou uma máquina que tinha o tamanho de um quarteirão. E com outro produto, que é o plástico. Aquela bolinha de plástico é o conta-gotas. Quando você despeja, você vira a garrafa, sai o líquido. Se você coloca a garrafa em pé, a tampinha desce e fecha, veda. O conta-gotas é higiênico, evita falsificação do produto, um monte de coisas. Então o conta-gotas foi o que determinou o fim dessa máquina.

Eu ficava pensando na questão, que a nossa luta era para os trabalhadores assumirem o poder e evidentemente controlar a produção. Quando eu vi aquela coisa toda, a dinâmica da produção, eu ficava me perguntando quais as informações necessárias e como os trabalhadores iriam dar conta de assumir. Não só a questão do domínio da técnica, mas saber a hora que mais interessa a substituição de uma tecnologia por outra. Como você decidir jogar uma máquina daquela no lixo, transformar em ferro velho, como operar tudo isso e tomar essas decisões políticas que iriam implicar em uma economia, ou um impacto no meio ambiente, ou, enfim, todas essas questões que são colocadas? E, pela situação de escravidão dentro da fábrica, tinha gente que trabalhava há 10 anos e nunca conheceu o outro lado da fábrica. Nem

sabe, nem consegue ter na cabeça o fluxo da produção da fábrica em que trabalha. Essas eram as questões que iam chegando na minha cabeça. E eu digo: “Isso, tem que dar resposta. Tem que ter resposta para isso”. Só que essas questões continuam. Não é que não tenha resposta, é que está praticamente no mesmo nível, do mesmo jeito que se produz. Quem conhece um pedacinho não conhece o resto da fábrica. Não existe uma unidade de produção. Mesmo nos sindicatos, hoje, e nas organizações dos trabalhadores, essa questão não é assumida. Existe uma disputa em cima da possibilidade de um enfrentamento, de uma greve, de alguma coisa, mas é aquele negócio: “Eu quero um aumento de salário”. Veio o aumento de salário... Como é feito aquilo, como estão se dando as condições de trabalho, é uma questão que ainda é muito negligenciada pelo movimento dos trabalhadores. É tanto que, ultimamente, houve um aumento significativo nos acidentes de trabalho.

A violência da produção capitalista no Brasil tem números de uma guerra civil. Só que atinge só um lado. Só morre do lado de cá. Soma os dedos, soma os órgãos amputados, soma a contaminação por diversos metais pesados, a silicose, a doença provocada pela contaminação com vários materiais, é ainda uma questão que está muito para ser vista. E as coisas não param. Hoje, por exemplo, tem uma questão violentíssima e são poucos os trabalhadores que estão atentos a isso e a sociedade não está vendo. Já estão usando produtos com a nanotecnologia. O que significa isso? Você tem bronzeadores que não precisam de sol. Você vai ver: como é que estão usando isso? São as nano-partículas. Só que hoje nós não temos nada, nem um estudo do que é que essas nano-partículas vão provocar no organismo. Você coloca, passa ela no corpo e ela, em pouco tempo, vai estar no cérebro.

Operário

O processo meu foi a atividade revolucionária junto com a Política Operária. Em final de 1972, eu decido fazer um curso técnico, para melhorar a minha inserção dentro da fábrica. Fiz a primeira turma do curso técnico

em metalurgia no Senai de Osasco. Foi um curso bom, um curso bom. Também houve um negócio: em 1973, eu começo a fazer o curso e em 1973 mesmo vai uma empresa lá convidar estagiários, era a Vidraria Santa Marina, que faz a fusão do vidro. Eu não gostei muito, por não ser metalúrgica, mas fui, passei e comecei a trabalhar como estagiário técnico na Santa Marina. Aí voltei a ganhar um dinheirão. Era um salário bem diferenciado, dava para fazer muita coisa.

E estudo direto, inclusive dentro da fábrica. A coisa que foi marcante é que vários cursos foram dados dentro da fábrica, de aprimoramento, todas as áreas. Eu estava fazendo o curso de metalurgia e tive acesso a um monte de outros cursos lá dentro da própria Santa Marina que foram importantes. Eles articularam o curso de especialização. Ia o pessoal do Senai lá dentro da fábrica e passava um conjunto de informações que nós iríamos necessitar no exercício da função que a gente estava sendo preparado para exercer.

Então, aprendi. Eu entro dentro de uma fábrica e... Hoje, não sei mais, teria que fazer algumas adaptações, lógico, pelo desenvolvimento das coisas. Mas eu entrava dentro de uma fábrica, batia o olho e já fazia, já identificava na hora todos os circuitos: elétrico, hidráulico, pneumático. Enfim, todos os fluxos da fábrica eu imediatamente levantava. As fábricas em que eu trabalhei, quando eu entrava, uma semana era suficiente para eu estar com toda a movimentação de todo o material, de todos os fluxos dentro da fábrica. Para você pensar a fábrica, pensar as coisas, isso ajudou muito às várias questões da luta e de algumas decisões. Esse conhecimento eu usei bastante.

Nesse período, eu acompanhei, tive a oportunidade de acompanhar um dos maiores fornos da época, que era um forno que iria fundir diariamente 200 toneladas de vidro plano, que tem várias aplicações, inclusive vidros de segurança para pára-brisas de automóveis. No período do meu estágio estava sendo construído o forno. Acompanhei da construção até a entrada em funcionamento e passei ainda alguns meses já operando o forno. Nós estávamos sendo preparados para assumir

toda a parte de produção desse vidro. A parte que eu cheguei a assumir um período foi a preparação da carga da matéria-prima. Eu tinha que fazer o cálculo de carga, inclusive as fórmulas químicas.

Nesse período também tomei conhecimento de uma coisa que eu não sabia. Foi a questão da automatização pneumática. E me chamou muito a atenção a questão da retroalimentação. Você pegar um sinal e... O sinal, no caso, era dado pelo aumento ou diminuição da passagem de algum fluido: podia ser óleo, podia ser ar. Então, na medida que diminuía o fluxo, nós vínhamos imediatamente, porque tinha um sinal, era emitido um sinal. Tinha uma válvula ali que mandava um sinal e esse sinal era pneumático, movimentava um relógio no painel de controle. Então a gente via, imediatamente, que o volume, por exemplo, de óleo diminuiu. Pode ter sido consequência do óleo. A densidade dele modifica o fluxo na saída do forno através dos maçaricos. O cano de óleo acompanhava um cano de vapor, que era para estar com a temperatura necessária para que o óleo mantivesse a densidade. Se o vapor diminuísse, se houvesse qualquer coisa no fluxo do vapor e diminuísse, o óleo esfriava. Esfriava, diminuía o fluxo. No maçarico, alterava a combustão. Então, tudo isso operado a partir de sinais emitidos ou por um diafragma, que alterava o sinal, que me mandava via pressão de ar no painel de controle, em que o ponteiro aponta de acordo com aquela diminuição.

Isso me chamou muito a atenção. A questão de um sinal que se emite, chega em determinado local, produz algo que, por sua vez, manda o sinal que devolve o sinal. A questão da retroalimentação foi uma coisa que me marcou muito e eu fiquei com aquilo na cabeça. No sentido de utilização dessa questão em outras áreas. Mas isso ficou como um problema, ficou mais como uma interrogação na minha cabeça das possibilidades de utilização. Por exemplo, hoje, eu estou enxergando, estou vendo isso de uma outra forma. Em linhas gerais, a minha passagem na Santa Marina foi ter tomado um leque de conhecimento grande sobre uma unidade fabril. E, logicamente, as relações internas. Desde como andava a questão técnica, que passava pelas decisões, pelo sis-

tema de mando na empresa, que passava pelas chefias, sub-chefias, encarregados, aquela tranquerada toda de mando dentro da empresa. Como se relacionava com a técnica e a reação, as manifestações dos trabalhadores face a esse sistema de produção. Isso foi muito importante na Santa Marina.

Eu vivia sozinho até 1973, aí encontrei essa companheira. Ela entrou na minha célula, acabava de sair da... cumpriu uma pena. Ela é de Belo Horizonte, estava presa em Juiz de Fora e veio se integrar, veio para São Paulo e se integrou na minha célula, pela Política Operária. Aí, 1973, eu começo a namorar essa companheira e a gente decide morar junto. Uma loucura. Na época, a gente foi morar junto sem saber os nomes. Só com o nome de guerra. Tinha todo um esquema lá para, se acontecesse alguma coisa, onde estavam os documentos, onde estavam as coisas para uma emergência. Um negócio doido. Nós passamos quase quatro meses vivendo juntos sem saber os nomes verdadeiros.

Metalúrgicos

Coincidiu que, em 1974, eu estava na Santa Marina. E como trabalhador vidreiro eu me afastei do Sindicato dos Metalúrgicos, porque não podia pagar como sócio dos metalúrgicos. E também me afastei um pouco da Oposição Metalúrgica de São Paulo. Foi um ano que eu fiquei meio... De vez em quando que tinha uma conversa com um ou com outro, mas era muito raro. E foi o ano que toda a Oposição foi presa: 1974. Todos os companheiros foram presos. Foi um negócio, assim, arrasador. Eles conseguiram fazer uma limpeza. Não foi muito tempo de cadeia, uns quatro meses, mas, como em 1975 ia ter eleição do sindicato, eles fizeram uma limpa para tirar essa vanguarda da possibilidade. Se não tivesse ficha limpa, não podia ser candidato. Tinha que ter atestado de antecedentes. Então todo pessoal que foi preso não podia ser candidato a concorrer à diretoria do sindicato.

Então eu passei 1974 na Santa Marina, aqui em São Paulo. E, em 1975, eu decido sair. Também foi outra loucura. Sair foi igual a sair do Quinze de Novembro.

Uma fábrica pagando bem, toda uma carreira dentro da fábrica oferecida. Faço umas cinco entrevistas, tinha que dizer porque eu estava querendo sair. Para a fábrica também não foi um bom negócio. Investiu e... Porque eu queria ir para uma metalúrgica. Pelo movimento, para ter carteira assinada, para poder estar participando do sindicato e estar integrado. Era o sindicato prioritário aqui na cidade.

Aí eu largo a Santa Marina. Trabalho em duas pequenas fábricas. Montei um laboratório de análises químicas para uma fundição. A gente produzia cilindros para motores de navios e entregava para a Villares. E depois eu fui trabalhar na Arno, na Moóca. Aí começa a minha participação mais efetiva dentro do movimento sindical. Nessa, eu me reintegro com a Oposição. O pessoal também já está fora da prisão, já voltou para a atividade e a gente começa a organizar a Oposição. Eu volto para a coordenação da Oposição. Em 1971, eu participei da coordenação, junto com o pessoal mais velho do pedaço. Desde 1971, eu era coordenador da Oposição. Me afastei em 1973, 1974, em função da Santa Marina e, quando eu volto, em 1975, imediatamente retomo a direção do Movimento de Oposição. Aí, entra toda a história da Oposição, os caminhos que essa Oposição tomou. É toda uma história. Inclusive agora está havendo um movimento de reconstituição dessa história, juntando material, fotografias, documentos.

Aí começam as questões. O meu mundo vira o mundo do movimento sindical em São Paulo. A minha casa, para variar, continuava sendo um aparelho da organização. Eu me especializei em imprensa. Quando eu estava no PCBR, lá no Recife, minha casa tinha um mimeógrafo. Eu aprendi a trabalhar com o mimeógrafo e sempre tive autonomia de imprimir o que eu queria. Inclusive copiei um mimeógrafo manual chamado reco-reco. Depois eu escrevi um cordel no reco-reco. Aí comecei. Copiei a máquina, produzi de um outro jeito. Só que eu fiz ela toda desmontada e, para cada peça dela, eu dava outra finalidade. E a tela eu fazia com organdi esticada, como se fosse tela de silk-screen. A tela era um quadro. Recortei uma foto de uma rosa bonita, vermelha. Recor-

tei e, com percevejo, colocava por cima da tela e colocava o quadro. Então, ninguém conseguia associar aquilo com uma peça, um instrumento de impressão. Fiz três edições da revista “Marxismo Militante” para o Brasil inteiro, lá nessa casa. Três edições foram feitas no reco-reco. Fora a minha atuação na fábrica, tinha a atividade revolucionária. Imprimir material, divulgar material, participar de discussões. Tinha uma vida...

Então, eu comecei a tentar. Porque tinha a questão da sobrevivência e a questão da ação política. Se eu tivesse numa dificuldade grande, pela minha atuação, sempre a organização conseguia estar me salvando. Seja no aluguel, em alguma coisa que me ajudava na sobrevivência. Mas não era uma questão permanente, não estava ali sendo pago para fazer isso. Era mais uma questão de solidariedade mesmo, de segurar os companheiros que estão numa linha de intervenção mais susceptível a repressão, a demissões, isso e aquilo. Você fazia qualquer enfrentamento, você era visado e imediatamente demitido. Então era uma dificuldade maior. Eu fui para a metalurgia e trabalhei em várias fábricas nesse período. Em final de 1974 eu trabalhei na Brasferro, em Ferraz de Vasconcelos. Trabalhei na Arno. E em todas elas tem experiências... Cada fábrica em que eu passei foi uma escola de aprendizado, a minha relação com o que eu vinha acumulando e como eu exercitava isso.

Boletins

Na Arno, uma das coisas muito interessantes era o aparecimento de boletins dentro da própria fábrica. Ninguém distribuía na porta. Em 1975, a barra ainda estava pesada, da ditadura. Mas acontecia qualquer coisa na fábrica num dia, no outro dia aparecia o boletim. Inclusive alguns companheiros da luta também, que estavam lá e sabiam que eu tinha a ver com isso, achavam que eu participava de uma organização que tinha uma grande gráfica subterrânea, alguma coisa assim para fazer a coisa. Mas eles ficavam impressionados como se conseguia. A coisa tinha acontecido ontem a tarde. No outro dia de manhã tinha o boletim.

Isso simplesmente porque eu morava em um quarto de pensão. Na Arno, eu já estava com essa companheira. Chegava em casa, tinha uma máquina de escrever, estêncil – fazia tudo no estêncil ainda – eu escrevia o boletim, datilografava no estêncil, rodava e ainda conseguia colocar alguma figura. Desenhava uma figura no estêncil. Tem uma técnica especial para isso. Rodava no reco-reco, não era nem mimeógrafo. Rodava no reco-reco. Eu tirava 100 cópias em 20 minutos. E o reco-reco à tinta, saía como se tivesse sido feito numa gráfica. A qualidade do boletim, você olhava e pensava que saía de um offset ou de um mimeógrafo elétrico. O surgimento do boletim sempre era em troca de turma. Eu levava os boletins, escondido, e, na hora do almoço – tocava 12h – eu passava para alguns companheiros. Quando a turma da tarde começava a entrar, a gente começava a jogar os boletins dentro de caixa de produto, nos cantos, logo ficava visível. Então, quando o pessoal da turma da tarde ia entrando, já estavam os boletins jogados. Com isso a gente deixava uma dúvida grande para a empresa, se quem distribuiu estava na turma da manhã ou na turma da tarde. Para dificultar a perseguição. E ninguém também estava distribuindo lá fora. Porque, se distribuísse, nessa época, também era preso. Então, aparecia o boletim. Quando começava a pegar, um pegava, outro pegava, não tinha como impedir. Tornava-se uma distribuição que ninguém podia controlar mais. Polícia não estava dentro da fábrica, os chefes não tinham essa... “Eu peguei aqui, não vai deixar ler porque?”. Não tinha mais controle. Então a gente furava o controle.

Nesse momento, na Arno, eu fazia os boletins sozinho. É a questão da criatividade e da análise do momento, das possibilidades do momento. Quer dizer, eu aprendi a tecnologia de imprimir, os macetes da relação dentro da fábrica, os fluxos, as coisas todas. Eu estava com isso na cabeça. Então, tinha um conjunto de informações. Não existia um método para se chegar a isso, não existia nenhuma metodologia para isso, mas eu estava desenvolvendo, desenvolvi todo um conjunto. Aliás, articulei todo um conjunto de conhecimentos que me permitia fazer esse tipo de coisa. E isso assustava

todo mundo. Assustava os empresários, que não sabiam como isso era possível. Assustava os próprios companheiros de luta que estavam em outra organização. Eles olhavam e não sabiam como é que isso era possível e ninguém era visto distribuindo nada. Realmente, era como se fosse um raio no céu azul. O boletim aparecia. Uma forma de comunicação naquela situação mais adversa, de ditadura. Não só a ditadura da fábrica, de ditadura política, repressão policial e tudo. E toda vez que acontecia uma ação dessa, dava mais ânimo, mais força, você via as reações e as discussões na hora do almoço, discussão no ônibus, no boteco. Então você produzia, contribuía para articular o pensamento coletivo sobre as questões de interesse dos trabalhadores. Foi muito prazeroso, inclusive, fazer isso, mesmo nessa adversidade toda.

Greves

De 1975 até 1978, a minha intervenção se deu em algumas fábricas. Até 1978, quando eu estava trabalhando na metalúrgica Barbará, já na zona sul, que foi quando começaram a surgir as primeiras greves. Também para mim, greve era uma questão teórica. Nunca tinha visto uma greve. Ouvi falar da greve de Osasco, mas eu estava no Recife, na greve dos metalúrgicos de Osasco, 1968. Então eu nunca tinha participado, nunca tinha visto de perto e nem passado na frente de um movimento grevista. Mas em 1978 foi a primeira experiência de parar uma fábrica. Teve toda uma série de técnicas dessas usadas.

Quando começou a xerox a ser mais acessível, já tinha vários pontos de xerox... Quando começaram as greves, por exemplo, tinha duas formas de fazer isso: chegava cedo, comprava o jornal e, nas minhas idas ao banheiro, eu recortava os artigos e, com um bastão de cola, montava os artigos do jornal de interesse ali. Inclusive, quando estava anunciando as primeiras greves, eu montava um jornalzinho dentro do banheiro da fábrica, cortando, e colocava em um plástico. Estava sempre com um desenho na mão, porque eu trabalhava na qualidade. Aí colocava dentro de uma pasta de desenho e, na hora do almoço, ia numa ótica que tinha perto,

tirava 10, 15 cópias. No almoço já começava a circulação das notícias dos jornais que interessavam à luta dos trabalhadores. Então não precisava mais ser de um dia para o outro. Colocava as coisas e escrevia uma pergunta, alguma coisa entre uma matéria e outra. Com lápis, com caneta mesmo fazia, em letra de forma, algumas perguntas para orientar a discussão. E isso era de uma eficácia enorme. A gente colocava dentro de um plástico, porque o pessoal trabalhava muito com óleo, tudo quanto era coisa na fábrica tinha muito óleo, vários tipos de óleo, todo mundo estava com a mão com óleo. Então, para ler, a gente colocava dentro de um plástico, com o velho esquema: o plástico e um desenho do outro lado. De um lado estava o desenho, do outro lado, o boletim. O pessoal lia, inclusive, na hora do trabalho. Estava lendo o boletim, mas se chegasse um chefe, um encarregado, qualquer coisa, só era virar a página com o desenho da peça que você estava produzindo. Então tinha esquemas de burlar a vigilância e o controle patronal.

Os trabalhadores, não só a gente, têm assim um monte de experiências de outras formas de enfrentamento cotidiano da ditadura dentro da fábrica. Sempre a gente encontrava espaço, por mais rígido que fosse. Por exemplo, o banheiro foi logo atacado. Ficou difícil conversar. Às vezes se marcava no banheiro e fazia uma reunião de 5 minutos, trocava informações. Mas sempre tinha um puxa-saco, uma coisa que estava ali. Então a gente marcava assim: 10h15 no bebedouro tal, para se encontrarem os responsáveis por diversos pontos da fábrica. Um estava lá tomando água e demorava um pouquinho. Aí fazia fila, de três ou quatro, que eram justamente as pessoas... Nesses cinco minutinhos de tomar água, trocavam as informações. Então ia explorando os diversos espaços da fábrica. A luta dentro da fábrica, era uma luta...

Com essa movimentação e com essa informação contínua dentro da fábrica, todo mundo estava sabendo das greves que estavam acontecendo. Mesmo que não noticiasse na Globo, só estava em alguns jornais, a gente transformou essa notícia numa notícia do cotidiano da fábrica a partir dos recortes de jornais. E aí começa-

mos a articular algumas reuniões. Chegou um momento que não tinha mais condições de fazer uma reunião maior, porque já era risco de entregar o movimento, já tinha muita gente participando da articulação da greve. Aí decidimos o dia da parada. Tiramos uma série de procedimentos, já com experiência de outras greves, e orientamos.

A parada foi muito interessante. Já tinha se discutido toda a reivindicação. Estava formulada num boletim, num ofício. Então a gente chegou. A primeira turma, que entrava às 6h, já ia entrar parada. Ia todo mundo se trocar, ia para as máquinas, mas não ia ligar as máquinas. E uma pessoa ia passar na mesa do chefe e ia deixar o comunicado, que a fábrica estaria em greve e as questões eram essas. Eu entrava às 7h, então fiquei numa tensão horrorosa de chegar e o que é que eu ia encontrar. Se eu ia encontrar a fábrica parada ou parte parada, enfim... Eu fui me aproximando da fábrica, me aproximando, com os sentidos aguçados, mas eu cheguei na fábrica e realmente não tinha barulho nenhum de máquinas ligadas. Aí, quando eu entrei, só via aqueles sinais assim, de firmeza, escondido: "Ó, deu, deu". Aí a turma das 7h já começou a entrar. A das 6h estava parada e continuou parada.

Sem precisar ninguém falar, o motivo da greve já estava todo explicitado na carta. Agora, a grande questão, a bola estaria com os patrões. A gente ficava aguardando as coisas. A primeira tentativa foi quando o engenheiro chegou, quase 9h. Ele pegou o papel, um chileno, ficou no meio da fábrica falando alto. "Que que tá acontecendo? Que negócio é esse?". Ficou totalmente desorientado. Mas estava dito lá: "Para começar a conversa, você tem que aceitar uma comissão eleita nas sessões e essa comissão deve ter estabilidade. Você deve assinar um compromisso assumindo dar estabilidade à comissão". Eles não tinham o que fazer. Para poder começar a conversa, tiveram que assinar. Só que depois eles passaram por cima disso, as demissões ocorreram. Eu fui o primeiro a ser demitido lá nessa greve.

Mas, tudo o que foi discutido anteriormente foi respeitado, os procedimentos, as coisas. Agora também

tem lances que estavam fora do script. Um chefe lá, metido a carrasco, pegou uma pessoa que ele sabia que devia favores à empresa. Ele operava uma grande máquina, um torno vertical. Foi lá e pressionou individualmente ele para ligar a máquina. E ele liga a máquina. Naquele silêncio total, parecia assim um ruído fenomenal. Quando ele ligou a máquina, essa questão a gente não tinha previsto. Aí teve um companheiro que tomou uma iniciativa que eu não tomaria, eu não tomei essa iniciativa. Mas isso mostra a capacidade dos trabalhadores de dar saída para as coisas. Ele pegou um pedaço de ferro, quase um palmo assim, um tarugo. Inclusive, eu vi essa ação dele. Ele se afastou um pouquinho, se escondeu atrás de uma coluna e atirou o tarugo na lataria que protege a correia da máquina e foi também um barulho enorme - "Pá" - quando bateu lá. Aí, foi uma loucura. Desceu o engenheiro com os chefões: "Não, não. Pára. Pára. Desliga essa máquina". Gritando. Se um tarugo atingiu, quer dizer, de uma hora para outra poderiam ser outras coisas, poderiam ser provocadas outras coisas. Mas essa ação não estava no script. Tem um monte de coisa que você pode pensar. Em uma ação de massa, você pode pensar tudo na véspera, na hora vai ter umas variáveis totalmente impensáveis. Mas aí você vai acumulando. Isso era uma coisa que eu não tinha. Mas, a partir de agora, eu começo a pensar nas variáveis independentes do processo de luta. A gente vai amadurecendo e vai se formando na própria luta. Essa foi minha primeira greve. Conseguimos vitórias e até hoje ela é lembrada lá na Barbará. Assim que começou a greve nessa unidade, todas as outras da Barbará pararam também na mesma linha.

Pelegos

Aqui na capital, em São Paulo, a relação com o sindicato era a pior possível. Era a mesma relação ou pior, quase a relação com o Dops. Porque eles entregavam. Assim que sabiam que a gente estava trabalhando, entregavam, apontavam a gente para os patrões para a gente ser demitido. O sindicato de São Paulo era um horror. Todo esse período aí foi o sindicato totalmente em função do

patrão, patronal. Inclusive a empresa chamou o sindicato, não foram os trabalhadores que chamaram o sindicato. E quando chegou lá o dirigente sindical, chegou para atrapalhar a negociação, para atrapalhar as coisas. Era uma situação terrível.

Esse ano, 1978, foi o ano de eleição sindical. Foi o ano onde nós ganhamos as eleições. Só que a ditadura interviu de novo. O ministro do Trabalho veio e empossou o pelego que a gente derrotou. A gente gritou, gritou para tudo quanto foi canto, mas não tivemos... a sociedade não... a gente não conseguiu sensibilizar. As forças democráticas aqui de São Paulo e do país não compraram essa briga. Tivemos bastante apoio, mas não foi suficiente para reverter essa decisão do ministro do Trabalho da ditadura. Então, ganhamos, mas não levamos. Isso é uma das coisas marcadas aí. Tem um grande filme que foi feito na época: “Máquinas paradas, braços cruzados”. Retrata essa situação que eu estou falando.

Eu consegui emprego numa fabriqueta, porque cada vez mais meu nome estava na lista negra. Difícilimo nas grandes fábricas, eu já não tinha mais condição de emprego. Então ia trabalhar nas fabriquetas, para poder ter a ligação com a categoria. Em 1978 enfrentei o desemprego. No primeiro semestre de 1979, fui fazer um curso de automatização pneumática. Influência lá da Santa Marina, que era uma coisa que eu gostaria de fazer. Já tinha curso técnico de metalúrgico, mas eu ia fazer automatização. Fui e fiz o curso da Fast. Era uma fábrica em Santo André que dava esse curso. Fazia cursos de especialização em automação pneumática. Mas não conseguia nada, mesmo sabendo.

Eu tive oportunidade de utilizar numa fábrica que eu trabalhei no começo do segundo semestre de 1979. Uma fabriqueta também, mas que produzia máquinas impressoras de sacos plásticos. Então produzia máquinas e essa máquina tinha todo um circuito pneumático. Eu lembro que eles estavam atrasados para fazer a entrega para o Canadá de uma máquina dessas e não tinha ninguém para fazer o circuito pneumático. Aí eu assumi o desafio. Eu trabalhava para outra função, eles não sabiam disso. Eu digo: “Eu consigo montar o circuito

se vocês me derem o desenho”. Passei uma noite aprontando, montando o circuito pneumático dessa máquina, que foi para o Canadá. É um conhecimento que eu tinha que estava morto. Eu carregava ele, mas sem aplicação. Aí eu tive a oportunidade. Para mim foi uma satisfação individual. Quando é que eu ia ter a oportunidade de montar o circuito de uma máquina? Nunca isso ia acontecer. E eu consegui realizar. Então tinha um monte de potencialidades que o sistema não tinha como absorver. Ainda mais eu já com um nível de conhecimento e aparecendo como inimigo deles. Não ia ter muita chance naquele momento.

Logo depois vêm as articulações da greve de 1979. Está fazendo 30 anos. Foi quando se deu toda aquela movimentação enorme, quando ocorreu a morte do companheiro Santo Dias. E aí o movimento já está ganhando outros rumos. Essa foi uma ação nossa, praticamente foi uma das últimas ações nossas de massa dirigindo a categoria metalúrgica da capital. Dirigindo de uma forma paralela ao sindicato. A partir de 1979, entra todo um processo em que a gente já não tem mais... que começa a nos quebrar, que foi a entrada do Partido Comunista dentro do sindicato junto com o pelego. Eles começaram a desenvolver um conjunto de ações que foram, sistematicamente, desde o uso da violência, com a corrente, o MR8, que trouxe o exemplo do Lula para São Paulo. Lula foi um dos primeiros a orientar o espancamento de militantes da Convergência Socialista na porta do sindicato, porque estavam distribuindo jornal da Convergência. Foram tomados os jornais e espancados os militantes da Convergência. Isso foi tomado aqui em São Paulo ao pé da letra. Até esse momento não se usava violência aqui na capital. A gente brigava, fazia empurra-empurra, mas ninguém... Foi em 1979, quando aconteceu. Antes de novembro de 1979, foi durante as greves do ABC, no começo de 1979, que houve esse incidente com a Convergência Socialista. Isso foi imediatamente assumido pela pelegada aqui de São Paulo, que passaram a nos agredir fisicamente. Contrataram uma academia de alterofilistas, Academia Roldan, vestiram o pessoal com a camisa de “Décio Malho”. Seria o cor-

respondente ao “João Ferrador” de São Bernardo. Eles criaram um boneco, João Ferrador, para a comunicação com o jornal. Aqui em São Paulo – à imagem de São Bernardo – eles criaram o Décio Malho. Só que o “desce o malho” não nos patrões, era em cima da oposição. E aí começou uma guerra aberta. Vários incidentes violentos, com muita gente indo para hospital, feridos. E isso foi levado e desenvolvido pelas forças ditas de esquerda dentro do sindicato. Eu vivi vários enfrentamentos. Não cheguei a ser espancado, mas sempre estive na frente da batalha. Porque eu estava na direção, sempre tinha vários companheiros junto de mim, que sempre me protegeram as costas. Sempre estive numa situação em que havia uma corrente de proteção. Nunca fui espancado e também nunca participei, nunca espanquei ninguém diretamente. Mas em vários momentos o comando foi meu de ataque. Normalmente de contra-ataque.

Por exemplo, num cerco que eles fizeram à gente na sub-sede de Santo Amaro - queriam invadir a sede da chapa da Oposição -, eu organizei a defesa. Isso num sábado a tarde. Eles fizeram uma passeata e vieram invadindo a coisa. Aí a gente organizou uma equipe de pessoas com barras de ferro na mão e teve um monte de detalhes que acho que não é o caso agora. Mas, se você não tem firmeza de se preparar para o enfrentamento e na hora você enfrenta de fato, teriam invadido, teriam desmoralizado. Quando começou o confronto, a polícia chegou e separou as duas turmas. Foi o que salvou das piores consequências. São momentos que vão formando você no confronto. Uma experiência aqui, outra acolá. Eu tinha já também, para essas questões, os cursos de auto-defesa que eu fiz na luta armada. Tinha um monte de conhecimentos, de técnicas de algumas coisas que ajudaram a trazer isso de uma forma para o movimento. Como a gente já tinha conhecimentos do enfrentamento, então já fazia essa adaptação. Esse é um elemento também de ligação do movimento revolucionário com o movimento operário. Há pessoas que têm esses conhecimentos e que, na hora do confronto, socializam a informação e a técnica para o enfrentamento. Isso foi importante.

Última fábrica

Eu vou até 1993. 1993 é o ano da minha última fábrica e também o de uma greve muito significativa e de muitas emoções. Foi um esforço enorme, enorme, enorme para entrar nessa fábrica. Eu já não tinha mais carteira, tive que emagrecer 20 quilos – estava gordo na época –, tirar a barba, mudar o visual, para tentar. E produzir uma carteira profissional. Peguei registro de fábricas que tinham falido em Minas Gerais e coloquei, um dos registros, de oito anos de empresa trabalhados em Minas. Só que essa empresa já tinha falido, não tinha mais como fazer a verificação se eu trabalhei, se não trabalhei. Tive que aprender e desenvolver toda a técnica de falsificação de carteira profissional. A minha questão era falsificar para trabalhar. Então eu me especializei nisso. Pego uma carteira nova e... Agora, não, que eu não quero nem ver uma carteira profissional o resto da minha vida. Odeio carteira profissional, é a marca do ferrão. Mas era um documento que era enaltecido.

Consegui entrar e com a decisão forte de passar no mínimo um ano nessa fábrica, para me recuperar de tanto desemprego, tanta situação... Já tinha nascido já a minha primeira filha. Nasceu no meio da greve de 1979, quer dizer, um pouquinho antes, menos de um mês antes da greve. Eu precisava ter um mínimo. Estava pensando em, a partir daí, me recompor a nível da profissão. Mas quando eu chego, certo dia – estou trabalhando lá há quase um mês –, estou na fila do restaurante e aí batem no meu ombro: “Oi, Silva. Você não é o Silva?”. Eu reconheci, companheiro de luta de outra fábrica. Aí, digo: “Sou. A gente conversa daqui a pouco”. Na saída, a gente conversando, eu digo: “Olha, cara, eu não queria que isso se espalhasse aqui, porque eu tô querendo ver se passo um tempo trabalhando”. “Ah, não, tudo bem”. Mas isso aconteceu com um, daqui a pouco aconteceu com outro: me reconhecendo. Daqui a pouco, tinha uns cinco, seis, que já sabiam que eu estava na fábrica.

Aí, não teve dúvida, certo dia chegou um e me falou: “Silva, a gente vai parar essa fábrica. Você vai participar ou não? Acho que você precisa participar, pelo menos, de algumas reuniões pra orientar a gente, tal”.

Eu digo: “Rapaz, eu não tenho nem um mês de fábrica aqui”. Foi indo, eu fui participando das reuniões. Eu estava com um mês e pouco na fábrica, a greve estourou. Ficou combinado de eu não ir para a linha de frente. Só participar das reuniões de análise, de orientação. Só que eu estava lá, durante a greve, sentado junto com outros companheiros, aí passa o dirigente do sindicato que foi lá negociar e me viu. Não deu outra: na hora eu fui identificado como o mentor da greve. Os caras denunciaram aos patrões. Houve a greve, tirou-se uma comissão, teve vitória, mas foi dito que teria estabilidade durante dois ou três meses. Estabilidade para toda a fábrica.

Aí, duas semanas depois da greve, me demitem. Não deixam eu completar dois meses, que seriam os dois meses da experiência. Quando eu cheguei - eu entrava às 6h -, aí os guardas já: “Temos orientação de você ficar aqui no departamento pessoal, aguardando a chegada do...”. O pessoal do departamento pessoal só entrava às 8h. Eu ia ficar das 6h às 7h no departamento pessoal. Eu disse: “Ah, não, aqui vocês não vão me segurar não. Eu vou pra minha seção. Não tenho que ficar aqui sentado esperando. Depois vocês me chamam”. Eles tentaram, aí eu peitei, empurrei: “Sai, sai da frente que eu vou pra minha seção”. Algumas pessoas já estavam vendo a encrenca. Alguns já chegaram, se aproximaram. Eles vacilaram, eu saí do departamento pessoal e fui para a minha seção. Quando eu cheguei na seção, veio todo o pessoal da comissão que foi eleita na greve. “O que que está acontecendo?”. “Olha, eu acho que eles querem me demitir, porque queriam me segurar no departamento pessoal”. “Ah, isso não”. Aí, assim, na hora, a comissão decidiu parar de novo a fábrica. A encrenca agora era grossa. Porque é greve, não por aumento de salário, greve de solidariedade. Isso aí é greve política.

Você precisa ver a emoção da coisa. O pessoal voltou para as sessões, aí começou: “Ahhhh. Ahhh. Ahhhh”. A fábrica parou. Mas eu fiquei numa emoção tão grande... É um negócio doido. E, assim: “Ninguém vai mexer com você”. Quando o departamento pessoal chegou, a fábrica parada. A encrenca começou de novo. Foi uma briga feia. Não tinha mais jeito. Eles se mantiveram duros, a

comissão se manteve, mas eu discuti bastante com a comissão. Tinha uma companheira lá que era da comissão, uma paraibana. Esqueci o nome dela, mas nunca vou esquecer da figura. Eu digo: “Olha, essa greve aí tem limite. Vocês não vão aguentar, porque vai vir barra pesada. Sabe, greve de solidariedade, vão encarar toda a comissão como inimigo. Tem que chegar em um acordo. Se eles pagarem... Primeiro reconhecer...” Porque eles disseram que eu não passei na experiência. Uma mentira à toda prova, porque toda a fábrica ficou sabendo que eu resolvi uma questão de quase 10 anos na fábrica, um erro que estava dando e por controle estatístico eu localizei onde era o problema e evitei que um monte de prejuízo fosse dado para a fábrica. Inclusive eles se assustaram. Muita gente lá ficou também numa situação difícil, porque já vinha esse problema lá há 10 anos e ninguém tinha conseguido resolver. Localizavam, identificavam a falha como sendo de um local, quando não era desse local, era de um local anterior. Mas como eu fiz um controle estatístico desde o começo, fui pesando e vendo as coisas, eu localizei exatamente onde estava, onde se dava a falha. E eles ficavam o tempo todo investindo, achando que era uma máquina, quando não era. E isso foi uma coisa assim que eles se assustaram. E eu que tinha resolvido, com menos de um mês de fábrica.

Dizer que eu não passei na experiência era mentira deslavada, ninguém aceitou isso. Eu digo: “Ó, se eles pagarem os direitos normais, a gente faz um acordo e a gente pára essa greve, porque isso aqui a gente não tem condição de segurar. Vocês não vão ter força suficiente. Depois o prejuízo vai ser muito maior”. Essa paraibana olhou para mim, a firmeza à toda prova: “Silva, eu vou aceitar, mas eu não concordo. Não concordo, mas eu vou aceitar”. Foi uma expressão também muito marcante. Ela entendeu a correlação de forças, entendeu a coisa, mas não concordava com a situação de injustiça que estava lá sendo perpetrada pela empresa. Chegou no final do dia, 4h da tarde, a gente fez uma assembleia. A comissão negociou o acordo, eles pagaram todos os meus direitos, reconheceram que eu não estava sendo mandado por não ter passado na experiência. Eles me

demitiram como se eu tivesse cumprido a experiência. Então foram dois meses, menos de dois meses de fábrica, deu essa encrenca. Também foi a última. Depois, eu não tive mais como voltar para a produção. Era muito esforço, muitas operações, um desgaste muito grande. E a idade também estava chegando e não dava mais para fazer isso. E aí entra num processo: “E agora? 40 anos, o que fazer?” Todos os cursos, todas as coisas e sem curso universitário. Onde eu ia conseguir alguma coisa de nível médio que desse a sustentação à família, isso e aquilo? O próprio movimento não tem saída para essa situação. Os sindicatos, o próprio movimento revolucionário nunca tratou da situação dos militantes que fizeram essa trajetória.

Oposição

Até 1979 foi o último grupo. A gente tinha aqui a célula da Política Operária, mas em 1979 a Política Operária estava também nos seus finalmentes. Já estava em declínio e logo depois se dissolveu. Ficaram grupos ali, alguns grupos de amigos aqui, acolá. A gente tinha um grupo também que se manteve por mais algum tempo. Tentamos uma outra experiência importante articulando o movimento político dentro dos Metalúrgicos de São Paulo, ficou conhecido como Ativo Operário. A perspectiva era construir um partido operário, mas surgiu o PT e lançou a questão que esse seria o partido dos trabalhadores. Entramos numa discussão, “se era PT, se não era PT”. Uma parte nossa entrou também para o PT. Nós resistimos um pouco, mas dois anos depois entramos também para o PT e toda a perspectiva da construção de um outro partido, com outra característica, não foi viabilizada. Foi uma derrota nossa e não tivemos condição de fazer isso. Fiquei no PT “pro forma”. Quer dizer, eu estava lá, mas nunca tive vida partidária. Até hoje sou filiado do PT, mas não tenho vida partidária.

Mas, assim, não tem como não reconhecer o grande papel histórico do PT. Eu vi isso no período do mensalão. Fiquei assustado com isso. Pensei que ia ser o fim da experiência petista, mas eu vi, na base, assim: “Se sempre eles tiveram os corruptos deles, nós temos os nos-

sos”. Tipo assim: “Tá fazendo isso, mas é do nosso lado”. Um sentimento que eu não pensei que houvesse. E o segundo turno do Lula mostrou isso. Estava todo mundo achando, todo o pessoal do partido estava achando que era o fim, e a massa mostrou que não. Então, o PT cumpriu um papel histórico no Brasil que foi colocar um lado. Tem o lado dos trabalhadores, o lado de cá. Agora, não tem muito aprofundamento do que é que é esse lado, até onde vai esse lado. E aí há espaço para manipulação. Agora mesmo nós estamos diante da... Eu já vinha observando isso, mas agora o Estadão, com esse artigo do Fernando Henrique, escancarou a questão do que eles tão chamando de sub-peronismo. O fenômeno da relação direta que o Lula estabeleceu com as massas, passando por cima do partido, começou a ficar claro para todo mundo. Tanto que, hoje, todo mundo fala do “partido do Lula”, não é o PT. Então essa é uma questão que está aí colocada e que está exigindo resposta. Tem algumas possibilidades e algumas pessoas estão ainda lutando para colocar o PT em um outro patamar, com o ajuste, a correção do rumo da militância. Estabelecer outro nível de militância, limpar essa filiação que foi feita de qualquer jeito, em função de manipulação da luta interna. Então tem gente começando a pensar, a articular outras coisas. Mas eu tenho muita dúvida se vai conseguir ou não.

Foi um momento muito, muito difícil, no sentido de: “O que fazer?”. Aí, um lance... Porque tudo é história. Tirou a história, começa a pornografia. Quais foram os elementos que me empurraram para essa questão? Eu já tinha identificado alguns, que tinham chamado a minha atenção: a automatização pneumática e tal. A eleição de 1987 foi uma eleição também bem disputada. A gente fez uma preparação grande para disputar essa eleição. Com a experiência de 10 anos atrás – de 1978, que a ditadura entrevistou – a gente tinha um acúmulo de luta suficiente para preparar uma campanha de peso, inclusive articulando o Brasil todo. A gente sabia que ia enfrentar... Tirar a pelejada do Sindicato de São Paulo era uma tarefa política enorme. Nós vimos depois que o Lula não teve interesse em fazer isso porque era criar um elemento de

disputa da liderança com ele no movimento operário. Isso depois ficou bem claro para a gente. Então era uma luta pesada. No nosso campo mesmo, por exemplo, de chamar o apoio do Lula e de todo o sindicalismo que estava despontando como os autênticos. Era um dos objetivos nossos ter o apoio deles. E, em parte, tivemos. Mas, assim, por parte de São Bernardo foi muito, muito vacilante.

Nessa eleição, teve um companheiro que conseguiu uma façanha. A gente lutava sempre para ter a lista dos sócios do sindicato, para poder se comunicar. Só a diretoria se comunicava com os sócios. A Oposição não tinha a lista de associados. Aí, teve um companheiro que conseguiu burlar a vigilância lá do sindicato e conseguiu que uma pessoa que trabalhava no CPD vendesse, tirasse a fita com a lista de sócios. E conseguiu. Nem sei quem foi direito. Isso era mantido clandestino, porque não era para saber. Mas o fato é que essa fita veio parar na minha mão. E eu fui tirado o responsável para passar a informação, de fita magnética, para aqueles disquetes, ainda disquete 3,4, bolachão. Foi uma saga fazer isso. Porque, primeiro, eu não podia utilizar empresas daqui. Tinha que ter uns computadores enormes. Era feito uma fita magnética desse tamanho. Quase como aqueles rolos de filme de 8mm. Aquela fita grande em que estava toda a informação. Todo o banco de dados estava naquela fita. Então, tinha que tirar daquela fita para disquete. Agora, se eu fosse ver qualquer empresa aqui em São Paulo para fazer isso, saberia que era uma fita do sindicato e aí estava comprometida, ia se identificar o desvio da fita de lá.

Aí eu fui para o Rio de Janeiro. Passei um dia inteiro tentando nas empresas do Rio de Janeiro, mas não deu. Ou era muito caro, ou algum rolo, que não deu. No Rio, nós ficamos sabendo que tinha acabado de ser ganho, pela Oposição, o Sindicato dos Bancários de Belo Horizonte. Eu tinha saído só com uma roupa, porque eu ia viajar e voltar no mesmo dia. Aí, do Rio, tive que ir para Belo Horizonte. Lembro que tive que comprar uma calça, camisa, cueca, no meio do caminho, para poder fazer a troca de roupa. Era uma guerra. Não dava para

ir e voltar. Eu tinha que resolver aquilo. Em Belo Horizonte, eu consegui. O sindicato rodou a fita e salvou em disquetes, caixas e caixas de disquetes.

Programação

Com os disquetes, já podia ser feito em vários lugares, porque os PCs já estavam, já existiam máquinas individuais com bastante acesso. Encontrei um programador que trabalhava com isso e fui começando a me organizar. Foi a primeira vez que eu começo a ouvir falar de banco de dados e como organizar a informação. Eu acompanhava o programador mais como polícia, para proteção do banco de dados, do que outra coisa. Na programação, o programador vai falando, falando. Ele tinha uma mania de falar com a máquina, como se a máquina fosse viva. Ele vai falando, fazendo as coisas e falando. Eu ficava do lado dele, lendo, fumando para diabo, que na época eu fumava muito, mas, em algum momento, me chamava a atenção o que ele estava fazendo.

Numa dessas, eu estava com uma grande dificuldade, porque eu já estava tentando mapear as empresas metalúrgicas na cidade, utilizando o guia de ruas e mapeando manualmente. O meu objetivo era criar micro-regiões e separar essas regiões pelos nossos militantes para efetivar um conhecimento maior dessas fábricas por micro-regiões. E o outro objetivo era na área de saúde. Eu já estava estudando o impacto na saúde do ambiente de trabalho, o impacto na saúde do trabalhador. Eu estava tentando resolver uma questão que é mortífera para o trabalhador. Quando o trabalhador adoecer dentro da fábrica, ele vai para o médico dentro da fábrica. Se o médico identifica alguma contaminação com algum material da fábrica, o médico cumpre o seu papel de informar a empresa. Só que a decisão da empresa é mandar essa pessoa embora. Quando ela vai identificar que foi contaminada, já está uma, duas, três fábricas para frente. Então ela perde onexo causal com a empresa e a responsabilidade da empresa na contaminação é perdida. Muitos, muitos companheiros foram vitimados e ainda são, hoje, porque essa questão não está resolvida. São vitimados por causa disso. Então, se ele está com

problema de saúde, tem que ir no posto de saúde público. Ali o médico tem que estar orientado para identificar o nexo causal daquela doença e orientar. Se foi contaminado dentro da fábrica, a fábrica tem responsabilidade na contaminação. E aí tem todos os direitos, a proteção da legislação.

E eu ia localizar fisicamente a fábrica, onde moram os trabalhadores, os equipamentos de saúde e depois fazer o programa de orientar os trabalhadores a usarem os equipamentos de saúde e orientar os técnicos da saúde na identificação do nexo causal. Isso foi o que eu me propus a fazer. E para isso eu tinha que meter no mapa as metalúrgicas. E aí cheguei num ponto de esgotamento, porque não tinha como fazer isso na mão. Mapear tudo isso na mão ia ser um trabalho monstruoso. Quando me aproximei desse programador, vendo o que ele estava fazendo, eu digo: “Rapaz, esse negócio não pode me ajudar não numa questão?”. “Que questão?”. Coloquei para ele a questão que eu estava querendo resolver. Aí, ele disse: “Olha, se você tiver a informação desse jeito, a gente pode programar assim e assim”. Pronto, isso mudou a minha vida. Mais uma... Foi quando eu vi pela primeira vez a lógica da programação, a articulação dos códigos de programação.

Mudou tudo na minha vida. Tudo que eu estava fazendo, todos os limites que eu estava encontrando foram sendo quebrados, todos eles. Para mim, já era o fim. Eu entrei com ímpeto nessa questão, para resolver, e já estava... Eu mesmo estava doente, já estava tomando muita cachaça em função das desventuras que eu estava encontrando. Então o escape era o boteco. Quando eu descubro a lógica de programação, me dá mais um alento e eu começo a fazer um trabalho de localização da informação no espaço urbano, articulando banco de dados com guia de ruas. Fui avançando, avançando, avançando nessa questão. Consegui distribuir essa informação na cidade de São Paulo. Tive que aprender a fazer a padronização do banco de dados, que era um lixo. Até hoje ainda é. Muitos bancos de dados são um lixo. Padronizar, colocar ele de acordo com os Correios, depois aprender a desagregar o banco. Hoje se fala “mo-

delagem do banco de dados”. Modelava o banco para que ele pudesse ser lido num programa, para que você dissesse o seu CEP e o seu número da casa e eu dizia qual a quadrícula do mapa em que estava. Consegui isso ainda em DOS, antes do Windows ser dominante. Não tinha os recursos gráficos que tem hoje.

Com essa linha, eu topei com programas. Com a queda do bloco soviético, já estava aberta a localização via satélite da coordenada geográfica. O primeiro sistema feito estava sob controle dos Estados Unidos. Eles liberaram e impuseram um erro na localização da coordenada, mas que, depois, tinha um jeito de fazer a correção desse erro. Mas você não poderia usar para míssil. Na hora, se você fosse se orientar pelas coordenadas oferecidas pelo satélite, ele dava um desvio. Se você quisesse bombardear a Casa Branca, pela coordenada oferecida, ele não caía na Casa Branca, caía no vizinho. Isso era uma forma de segurança dos Estados Unidos. Até liberarem agora, porque a Europa lançou um outro sistema que fez a coordenada correta. Agora os Estados Unidos também está com a coordenada correta. A localização da coordenada geográfica via satélite foi um avanço grande na questão da localização da informação, não só para guerra, como para navegação marítima, e hoje está sendo utilizada de uma forma cada vez mais eficiente na navegação terrestre mesmo, no transporte terrestre, que são os famosos GPS.

Antes disso, eu conseguia localizar a coordenada geográfica a partir dos mapas digitais. Então, se você desse o CEP e o número, eu calculava a coordenada geográfica. Foi todo um conjunto de conhecimentos - hoje cada vez mais a gente avança nele - que permite a você colocar qualquer informação urbana no lugar certo. Não fiz curso nenhum. Até agora fui autodidata. Sempre fui indo na coisa. Com isso, comecei a prestar serviços oferecendo essa ferramenta. Aí, migrei para a tecnologia da informação. Abandonei, já não tinha como exercer a metalurgia e as outras funções dentro da produção. Comecei a pagar as contas com a tecnologia da informação.

Geoprocessamento

Fiz vários trabalhos. Na ECO-92, consegui apresentar um projeto. Consegui pegar o mapa de bacias e sub-bacias hidrográficas. Quando eu coloquei na malha urbana de ruas e coloquei a quadrícula - eu já identificava por quadrícula - associei o mapa de bacias e sub-bacias hidrográficas com as ruas e com as quadrículas do mapa. Então, o que é que eu consegui dizer? Peguei o cadastro industrial do Senai - de empresas com mais de cinco trabalhadores, na época - e associei o banco de dados a essa cartografia. Eu não tinha representação em mapas, era tudo em banco de dados. Eu pegava o endereço - rua e número da empresa e o código nacional de atividade econômica - então, pela articulação com os bancos, já com informações geográficas, eu dizia qual a quadrícula em que ela estava. E articulei a quadrícula com as bacias: se estava dentro dessa quadrícula, estava dentro dessa bacia. Articulei todas as empresas por bacias hidrográficas, bacias e sub-bacias. Numa sub-bacia, se eu encontrasse no córrego mercúrio ou chumbo, metais pesados, pelo código de atividade econômica das empresas daquela sub-bacia, eu inferia quem trabalhava com chumbo. Porque o código da atividade econômica diz o que produz. E pelo que produz você sabe se contém chumbo ou não. Com rápidas aproximações, três, quatro aproximações, eu estava com todas as empresas que destinavam os efluentes para o córrego sem tratamento.

Isso aí, eu apresentei lá no Programa de Despoluição do Tietê e quase que me jogaram do 20º andar abaixo. "Como é que? A gente gastando milhões e milhões e milhões...". E chega um maluco com um negócio que foi simples, mas que oferecia todas as possibilidades de contaminação da água. E com responsabilidade individual de quem estava contaminando. Não é fantástico? Mas uma decepção enorme, porque você fazia tudo isso e o sistema detonava tudo, não utilizava. E a gente não tinha força nem para denunciar. Os caras ficaram impressionados com isso e, ainda mais, eu tinha conseguido o cadastro das empresas. Apresentei isso na ECO-92, no Anhembi. Esse foi o primeiro trabalho. Podia locali-

zar qualquer contaminação em qualquer sub-bacia. Dependia do que você encontrava na análise da água, se fosse mercúrio, tal. Hoje, por exemplo, nós temos um problemão que está acontecendo. Você vai lá no SESC Interlagos e, em todos os lagos, cada dia mais aumenta a incidência de mercúrio. Eu já falei - ele não está mais lá -, mas eu falei para um dos técnicos lá do SESC, que poderia identificar tranquilamente todas as emissões de mercúrio, como estaria chegando lá. Mesmo que ele não tenha a contaminação, não seja a partir dos efluentes.

Então, você veja, peguei a listagem da Cetesb, e todas as que foram multadas, peguei o código de atividade econômica. Aí, o que foi que eu fiz? Verifiquei quantas outras empresas tinham esse mesmo código das que foram multadas. Quer dizer, aquelas foram multadas, mas aquela outra podia estar poluindo até mais e simplesmente não foi multada. Peguei todas as possibilidades de contaminação existentes e classifiquei elas por sub-bacias. Então o trabalho estava bastante reduzido, de uma fiscalização, né? Mas isso foi visto como uma coisa que... Ficou todo mundo assustado. A última coisa que queriam era assumir uma coisa dessa. Como é que iam explicar gastos e mais gastos que estava alimentando... E outra: na verdade, o programa de despoluição foi usado por uma determinada faixa de empresários, que tinha alguma influência, que pegava o dinheiro da despoluição do Tietê pra reequipar, fazer inovação tecnológica na maquinaria. Na verdade não foi para despoluir, foi utilizada essa grande massa de dinheiro por interesses particulares.

Logo depois eu fiz o primeiro serviço aplicativo, uma aplicação na secretaria, na época era SEBS, no governo Erundina. Nós cadastramos todas as crianças que estavam em creches. Relacionei a moradia da criança, com o trabalho do responsável dela: moradia e trabalho, do pai e da mãe. Então a gente sabia exatamente qual era a situação para racionalizar a utilização do sistema. Ou não se deslocar muito tempo com a criança nesses ônibus lotados. Tem muitos e muitos casos em que a mãe sai 5h da manhã com a criança no colo. Poderia deixar a criança numa creche próxima da casa, evitaria o des-

locamento da criança. A gente fez isso. Foram pintando alguns trabalhos na área, mas, era raro. Quando vinha um trabalho, era mais para pagar as dívidas. E estava sempre assim, correndo da mão para a boca, da mão para a boca.

E, nisso, também, o movimento sindical... A reestruturação produtiva causa um impacto enorme. Cai o Muro de Berlim. Dá um impacto violento também na questão da perspectiva socialista e revolucionária. Entra em crise um monte de coisas, tudo entra em crise. Quando eu descobri tudo isso, cheguei a oferecer no sindicato. Fiz todo esse trabalho para o Sindicato dos Motoristas de São Paulo, dos condutores. Peguei todo o cadastro deles, parcializei, mostrei onde eles moravam, onde estavam as pessoas que eram de comissão de garagem, quem era da CIPA. Todo o cadastro. Quando eu mostrei para eles, para quem foi receber o trabalho... Eles tiraram um representante da Articulação, um representante do PC do B e um representante da CUT pela base. Aí foram os três lá para eu mostrar o sistema construído. Acharam fantástico, mas, na saída, soube tempos depois por um deles, eles fizeram um pacto para não levar o sistema para dentro do sindicato. Porque, se uma tendência pegasse aquilo ia acabar com as outras. A questão da transparência, um monte de coisas ficava muito visível. Foi uma grande decepção da minha vida. Quando eu descobri uma coisa que ia ajudar o enfrentamento e a luta dos trabalhadores, verifiquei que isso daí, dentro do movimento sindical, não tem vez. Nesse movimento, não entra. Pode entrar qualquer coisa, mas a questão do geoprocessamento, da transparência, não é nem o geoprocessamento, é a questão da transparência. Não entra nesse movimento sindical que nós temos. E essa não foi a primeira não. Tive outras experiências com o movimento sindical. É tanto que, agora, qualquer solicitação do movimento sindical, eu não tenho interesse nenhum em atender. Às vezes eu vou, só para ver se tem algum sinal de vida, que eu poderia estar fazendo, mas não tem. As últimas que eu tenho... Inclusive uma agora, recente, que eu achei que fosse... Era a coisa mais horrorosa que tem. Queria utilizar tudo só do ponto de

vista do controle, realmente na questão do controlar, monopolizar e estabelecer pensamento único. E, aí, o preço que eu cobrei, não se dispuseram a pagar.

Democratizar a informação

Algumas questões criaram um diferencial nesse processo. Hoje, a tecnologia de geoprocessamento está acessível. Quais são as ligeiras diferenças que alteram completamente uma técnica pela técnica? Eu chego no geoprocessamento antes mesmo dessa tecnologia chegar no país. Começo a desenvolver ela aqui, mas por uma necessidade política, que era a questão da socialização da informação e do controle da direção pelas bases. Para que a informação chegasse em toda a base ao mesmo tempo que chega para o dirigente. Se você vai discutir, por exemplo, veja as assembleias, as famosas assembleias da Vila Euclides. Que exemplo de ditadura! Mas hoje é visto como exemplo de democracia. Por que ditadura? A diretoria do sindicato discutia a questão, vinha discutindo a questão meses e meses a fio, negociação com os patrões, possibilidades e tal. Só que essas discussões não saíam do âmbito de meia dúzia do entorno da diretoria. Não era uma discussão que chegasse na fábrica. O mesmo tempo real que a diretoria está discutindo, que os trabalhadores tivessem acesso a essas informações para discutir nesse mesmo tempo. Aí, quando chega na assembleia, você, enquanto dirigente, apresenta todas as possibilidades que você pensou. Coloca as questões e oferece duas alternativas para votar. Dá cinco minutos para aquela massa de 60 mil pessoas pensar. Democracia, não é?

E outra: democracia do microfone. Se você desse uma fração de segundo para 60 mil pessoas falarem, ninguém ia dizer nada, não ia conseguir ser entendido. Falar em uma fração de minuto, não ia colocar sequer um pensamento inteiro. Você democratizaria e significaria o desastre, ninguém ia entender nada, a assembleia seria uma assembleia inútil. Então, para falar ali, só poucos podem falar. Porque, se 20 pessoas forem para falar 3 minutos, isso aí é 1h. Se tiver uma réplica, qualquer coisa, já são 2h de assembleia. Agora imagina no

sol, todo mundo em pé. 60 mil pessoas, 2h de assembleia? Sem chance.

Objetivamente, está colocado. É possível fazer uma assembleia democrática, nos moldes da Vila Euclides, e ter a democracia de fato? Eu posso te dar uma série de dicas que você vai ampliar essa democracia. Se, antes do dia de uma assembleia geral, você fizesse assembleias regionais, reunindo menor número de pessoas, mas que discutisse todas as questões. E que cada assembleia geral tirasse dois oradores ou três, no máximo, para falar para a assembleia geral, você teria todas as informações mais discutidas. E quando chegasse aquela massa de 60 mil pessoas, já sabiam, já tinham pensado, já tinham discutido em casa as posições. Estavam indo ali para decidir, para fazer uma votação. Ver com os outros e decidir coletivamente. Um processo. E, hoje, com a tecnologia, a internet já permite você deixar lá todas as posições abertas. Fulano de tal, sócio, defende tal. Outro defende tal. Você pode criar um processo de intervenção que vai produzindo uma discussão virtual. Mas que não seja isso, porque muita gente não participa da eleição. Como é que você socializaria isso? Num jornal. Mas, no jornal, muita gente não sabe ler e muitos que leem não entendem o que está escrito. Então, como socializar mais ainda? Coloca 0800. 0800: digite 1 para ouvir a opinião do Lula. Digite 2 para ouvir a opinião do Alemãozinho. Digite 3 para ouvir a opinião do Osmar. Estou me referindo a três lideranças das greves de São Bernardo. Então, com um telefone público, eu ligava para o 0800 e ouvia as três posições. Ia para a assembleia já com o caso pensado, discutido em família, amigos. Sabia por ouvir a voz de cada um no 0800.

Juventude

O trabalho com a juventude faz parte da minha vida toda. A criação de grêmios... Toda a minha vida ativa na juventude, eu tive sempre esse trabalho. Não contei de uma experiência que foi forte, na época, em Garanhuns, que foi quando eu montei um grupo de escoteiros lá. Eu me aproximei do escotismo pelas atividades, mas quando eu fui ver a filosofia e os valores... Alguns

valores e o moralismo existente no movimento são uma coisa horrível, mas a gente trabalhou isso e utilizamos toda a parte do trabalho em grupo, a articulação desses grupos num coletivo. Um monte de exercícios e práticas coletivas que são muito úteis. Até hoje eu uso técnicas que aprendi no escotismo. Inclusive as minhas duas filhas são escoteiras. Não coloquei elas lá, mas quando elas tomaram contato com o movimento, foi suficiente para entender o que aconteceu comigo e as coisas que eu ensinava para elas e não dizia que era do escotismo. Aí, quando eu associei, elas foram ser escoteiras. E foi importantíssimo o escotismo na vida delas. Importantíssimo. Todas as minhas filhas andam de ponta a ponta por São Paulo, dia e noite, sabem se orientar, sabem se movimentar, sabem técnicas de memorização. E um monte de técnicas de vida que a gente conseguiu passar para elas, o escotismo ajudou muito. Alguns jogos do escotismo, de memória. Algumas técnicas, a questão do contato com o campo, os acampamentos. Fiz vários acampamentos com elas, fiz marchas com elas. Eu tenho coisas muito bonitas e lembranças muito fortes desse aprendizado.

Quando eu vi, cheguei num momento que eu ia fazer o quê? Ou eu ia seguir a carreira do Maiakovski - tomar vodca até se enforcar - ou eu iria encontrar alguma saída. Porque, depois da queda do muro, depois de toda aquela loucura, o que me segurou foi, inclusive, um fenômeno... Por exemplo, quando eu falei que, no segundo colegial para o terceiro, eu mudei das ciências exatas para as ciências sociais... Hoje não se trata disso, toda ciência tem que ser verificada. Essa divisão exatas e sociais não é uma coisa boa. Mas, quando eu mudei, eu não via mais... Por exemplo: laboratório. Nunca consegui. Em todo o meu processo, entrei no laboratório uma vez para ver algumas cobras lá no fenol, em conserva. Mas, fora disso, todo aquele monte de equipamentos, tubos de ensaio, tudo parado, cheio de poeira. Nunca vi um exercício, nunca passei por um exercício de química no laboratório, nem de física. Tudo que a gente aprendia teoricamente não tinha como verificar, não tinha como exercer e me dava aquela sensação horrível

de que eu sempre iria ficar sabendo que alguém fez em algum lugar do mundo. Que iam me ensinar, de uma forma teórica, mas eu não tinha condição nenhuma de seguir uma experiência, de desenvolver outra. Isso era frustrante. Perdi o tesão totalmente.

E o que estava colocado era o autoritarismo, a ditadura. Qualquer coisa que era “pensar”, naquele momento, topava com a ditadura. Virava para um canto, ditadura, virava para outro, ditadura. E aqueles valores lá na minha cidade... Então eu digo: “Olhe, vou aprender técnica de enfrentar a ditadura”. A minha questão todinha foi o enfrentamento com a ditadura e desliguei da questão do desenvolvimento científico, das pesquisas. Porque, como não fui para a faculdade... Se tivesse, acho que eu teria encontrado a morte mais rápido, porque iria me expor mais. Não ia encontrar laboratório na universidade. Se tivesse, também seria aqueles grupelhos, como depois eu tive oportunidade de conhecer. Eu vi, porque eu fiz pelo Sintusp, fui contratado para fazer o mapa de risco do Instituto de Química. E tive uma experiência de como são utilizados aqueles laboratórios, que estão mais sendo utilizados para pesquisas de empresas, de professores contratados por empresas, do que para pesquisa e trabalho dos alunos. O trabalho dos alunos fica numa fila enorme esperando o desenvolvimento das experiências. E primeiro tem aquela lista. Tudo trabalhando para fora. É a privatização do Instituto. Só quem usa são os professores que estão mancomunados com a iniciativa privada. Isso aí é perfeitamente assumido e ninguém briga contra isso. Um esquemão enorme. Eu vi isso fazendo o mapa de risco. Encontrei situações lá que... Inclusive um trabalhador do laboratório do Instituto de Química, que estava com uma doença, com um negócio na mão esquisito. Eu quis levar ele, arrumei tudo certinho para ele ir num posto de saúde na Lapa, perto da USP. Ele inventou tudo quanto foi coisa para não ir. Não ia de jeito nenhum. Aí ficou um negócio esquisito: “Como esse cara não quer resolver esse problema?”. Aí eu fui investigar mais e mais e depois eu consegui, através de outro companheiro: ele estava trabalhando com um professor, experiência de um tipo

de coisa que ele não podia dizer. Ele não era cobaia. Ele estava sendo contaminado com uma experiência, só que essa experiência é clandestina do Instituto. E não pude fazer nada. Falei para a direção do sindicato. Nem aí. Essas questões não passam... Eu tinha esse jornal até pouco tempo, tenho em algum lugar. Foi publicado um jornal inteiro a partir desse meu trabalho lá. O Sintusp produziu o mapa de risco. Eu fiz da Química, da Física, o risco de trabalhar na USP. Fizeram um alarde, no começo, mas usaram isso, não no sentido de resolver as questões, mas no sentido de desenvolvimento de uma política A ou B da época.

Território de vivência

Vi o seguinte: não tinha mais com quem conversar, no movimento, nas coisas. Ou eu encontrava uma outra saída ou tinha que parar. Como eu falei: a carreira do Maiakovski. Aí, decidi me aproximar da juventude e verificar se era possível transmitir esses conhecimentos para parte da juventude. Comecei a desenvolver experiência de novo de aproximação com os filhos dos trabalhadores. Não era a juventude, qualquer juventude: a juventude filha dos trabalhadores e morando na periferia da cidade, no habitat onde fica realmente a força de trabalho. Fiz uma experiência em Taboão da Serra. Fiz um projetinho, encaminhei. Foi a primeira vez que ouvi falar de concurso de projetos. Para mim, financiamento era sempre uma coisa arranjada ou, como fala um amigo meu, “licitação é o instrumento legal de legitimar fraude”. Sempre achava que tinha coisa. Mande uma proposta de concurso para o Comunidade Solidária. Nem parei direito para ver o que era isso. Só depois que eu me aproximei é que eu vi que era coisa lá da Ruth Cardoso, na época. O nosso projeto foi contemplado, só que eu tinha que fazer a relação com a escola pública. Como aqui estava o Paulo Maluf, não tinha condição. Fiz em Taboão da Serra, município vizinho. Fiz uma primeira experiência com 20 jovens que eu consegui selecionar.

Essa experiência me mostrou que é possível transmitir esses conhecimentos para a juventude. Mesmo

com a insuficiência do ensino formal precário, mesmo o pessoal falando e escrevendo errado, quando começa a se aproximar dessa tecnologia... Mas não assim, simplesmente, a tecnologia pela tecnologia. Eles começam a fazer - utilizando a tecnologia, articulada com as questões do seu interesse, da sua comunidade, do seu pedaço -, começam a se enxergar e a enxergar o seu território de vivência. Existe aí um forte apelo de incentivos e de colocar possibilidades para a vida desse jovem. Era um trabalho com georreferenciamento, como forma de participar melhor do seu bairro, da sua área de vivência. Fui desenvolvendo isso. Aí terminou esse projeto. Tem experiências, resultados, fantásticos. Depois fiquei sabendo de um, de outro emprego... Foi importante. Até hoje, tem uma menina que foi jogada no orfanato desde os 3 anos de idade, nem conhece os pais. Essa menina, a Cláudia, eu consegui colocar num emprego na empresa Toledo & Associados. Ela trabalhou lá na Toledo vários anos e fez um curso de espanhol e decidiu ir para a Espanha e casou lá. Está com um filho e sempre converso com ela pelo Messenger. Está muito bem de vida, bem colocada, feliz, com filho. Ela mandou as fotos da casa dela: como a classe média daqui, com todos os recursos e comodidades de uma casa. Foi da primeira turma. Tem um respeito e admiração enorme pela gente. Ela viu como é que foi o processo e me dá notícias de outras pessoas também da época que terminaram se encaminhando. Esse curso foi em 1996.

Depois eu tentei uma experiência lá onde é hoje a Associação Chico Mendes. Consegui mobilizar, consegui um empresário que colocou 20 micros novos para fazer a experiência, mas eu caí na direção da entidade, uma direção que tinha uma tendência do PT, um negócio assim totalmente esdrúxulo. Aí vi que não dava, não tinha oxigênio nenhum para tocar as coisas. Larguei tudo lá com os meninos, deixei os micros e saí fora. A experiência não andou, porque tinha a questão da transparência e era impossível pensar em transparência com essa turma. Saí fora.

Aconteceu outro fenômeno, que foi o que me seguiu um pouco. Eu criei uma empresa: Espaço em Dados.

Isso em 1993, 1994, para fornecer serviço de geoprocessamento. Mas, quando eu criei a empresa, parece que tudo piorou, eu só tive despesa. Despesa com contador, despesa com isso, despesa com aquilo. E o serviço que eu conseguia não dava para segurar. Eu sei que eu já estava devendo muito. Lembro que a dívida já estava entorno de R\$80.000. Não sabia mais o que fazer. Já com três meses, para ser despejado de onde estava, um negócio maluco. Quando veio um companheiro velho, que foi da POLOP, que estava com uma empresa de tecnologia bem sucedida, prestando serviços. Ele estava em contato com as empresas de outdoors e estava querendo fazer um sistema de mídia através das campanhas de outdoor. O objetivo dele era georreferenciar todas as placas existentes, depois a gente teria que fotografar todos os pontos de visada dessa placa, da rua que você ia de carro e via essa placa, ou a pé. Onde dava ponto de vista para a placa. Tinha placa frontal, placa inclinada, em "V". Então todas essas posições nós geocodificamos e fotografamos todos os outdoors de São Paulo. Cada ponto de vista é uma rua e, naquela rua, pela pesquisa de origem e destino, nós sabíamos quem passava ali, quantos carros passavam, quantas pessoas passavam, a idade de quem passava, o grau de instrução de quem passava e renda de quem passava. Contratamos o Datafolha e ele fez uma pesquisa de quem viu, quem não viu e verificou o impacto em cada placa, em cada ponto de visada. Então a gente já sabia, pela pesquisa do Datafolha, a partir desse momento, a gente já sabia quem passava e o índice de visibilidade. Se colocasse um anúncio ali, a gente sabia que atingia mais mulheres de 30 a 40 anos. Se tivesse algum produto para ser divulgado para mulheres de 30 a 40 anos, a gente dizia: "Nessa placa, nessa e nessa". Você, de cara, tem um impacto de mais de 60%. Se tiver mais dinheiro, contrata outras placas.

Eu vendi a empresa. Na verdade, eu recebi o dinheiro para pagar as dívidas. Sobrou alguma coisa. Comprei o MAC, dei um computador para as minhas filhas, que foi uma coisa importantíssima. Desde pequenas elas já começaram a ter computador. A nossa empresa era provedora e nós tínhamos acesso a essa coisa. Então, em

casa, eu tinha acesso. Já não estávamos mais juntos. Em 1993 eu separei, mas a casa delas tinha acesso direto a partir da empresa em que eu trabalhava. Então elas sempre tiveram acesso em alta velocidade. Não era discada. Isso foi determinante na formação delas.

Mudanças violentas

Em 1998 tive um infarto. Isso aí foi assim: foram muito violentas essas mudanças. Quando eu entrei nessa empresa, putzs, eu cá numa panela de tecnologia. É um negócio impressionante. Eu ficava besta, porque não existia problema. Qualquer nível de problema que existisse agora, às 9h da manhã, às 15h de hoje estava resolvido. Por que? Porque entravam imediatamente algumas pessoas fazendo pesquisa no mundo inteiro. Encontravam solução em Israel, na França, nos Estados Unidos. À tarde já estava negociado, entendido o problema e solucionado. Um negócio doido. Quando eu vi isso, quando eu vi essa possibilidade, eu digo: “Putz, tá toda a possibilidade agora de colocar a palavra de ordem do Marx: “Trabalhadores do mundo: Uni-vos””. A primeira vez que eu vi que eu podia. A partir de hoje eu me comunico com qualquer trabalhador em qualquer parte do mundo sem atravessar fisicamente o oceano. Todas as condições estão dadas, o capitalismo desenvolveu a possibilidade de produzir a aproximação de todos os trabalhadores do mundo. Essa era uma questão encrocada para mim, como fazer isso. Só se aproximava, até pouco tempo, e ainda está aí, a condição de se aproximar é só dos dirigentes. Ainda estamos na ditadura dos dirigentes. Só a cúpula dos movimentos sindicais se encontra em congressos internacionais. Mas hoje já dá para eu falar diretamente com a pessoa de uma fábrica. Se eu for procurar, vou encontrar uma pessoa que trabalha numa fábrica que eu achar que devo procurar. Faço contato direto.

Mas eu via a coisa nova, a possibilidade vindo e a questão da inoperância. Agora eu não tinha mais contato com o movimento sindical, já estava totalmente encrocado. O meu processo de saída do movimento sindical, foi, ao mesmo tempo, por iniciativa minha, mas

o que eu estava colocado era um negócio tão horroroso para os meus pares, que também foi um certo: “Vá embora. Não perturba mais por aqui”. Eu deixei muita gente mais tranquila depois que deixei de intervir. Porque, quando eu intervia, levava todas essas encrocadas, que se ligam com aquela questão de UBES, quando eu levava a situação concreta do trabalhador. É a minha questão de ligar as questões gerais com o cotidiano. Quando eu chegava com o cotidiano, é como se fosse um cara com o ebola ou AIDS ou qualquer coisa. Preconceito é um horror: “Tira daqui, tira da minha frente que isso...”. Porque não tem resposta. Não tem resposta e quer ficar nas aparências, na demagogia. Não fui por aí e até hoje eu estou com essa questão de trazer, de desocultar a realidade e intervir o mais próximo possível da situação concreta. Aquela famosa questão do Marx da análise concreta da situação concreta.

O meu infarto se dá exatamente quando degradingo esse trabalho lá no Chico Mendes. Quando eu vi que todo o esforço que eu fiz, putz, perdeu tudo... Deixei os micros, deixei tudo, larguei praticamente lá. Mas não me tirou a questão de que é possível passar para a juventude. Porque os meninos iam muito bem, a direção é que entreviu no processo. Ficou uma impossibilidade, porque não tinha relação com essa direção escrota, mas ficou a questão de que, com os meninos, dá. Então, não perdi a esperança de encontrar ainda um jeito. Logo depois, quando estava já nas últimas reuniões com eles, quando a relação já estava desgastada, foi esse o momento do infarto. Também, de certa forma, foi querer viajar por outros caminhos. Os problemas, as emoções, as coisas eram muito grandes e as dificuldades enormes. E eu estava fazendo todo esse trabalho lá porque eu estava nessa empresa e gastava muito dinheiro com taxi, bancava a experiência que eu estava fazendo. Não tinha ligação mais com nada: sindicato, partido, igreja, nada. Estava fazendo uma espécie de uma carreira solo. Não porque quis, porque não tinha... E qualquer coisa que eu fosse falar das questões que eu estava fazendo, era uma luta. Quando saí de lá, já estava numa situação muito encrocada, já tava querendo: “Acho que eu vou

só escrever”. E o infarto me afastou da coisa que eu mais gostava, que era beber. O que mais me tirava do... No fim do dia tomar duas cervejas, duas vodcas e dormir. Entrar no mundo do sonho. Conversa jogada fora em boteco. Uma forma que eu encontrava de espaiar. E como eu não estava mais. Sem isso...

Transparência

Aí chegou um menino que veio fazer um estágio comigo, um estudante de Geografia da PUC, e falou: “Silva, eu tenho contato com uma entidade no São Luis. Eu falei lá e eles têm muita vontade de fazer um curso de informática”. Eu, com os meus botões: “Putz, de novo”. Ele insistiu, insistiu. “Então marque que eu vou lá”. Perguntei onde era o endereço e fiz o mapa, já dei uma olhada no entorno, na questão sócio-econômica, já tinha todo esse material. Quando cheguei lá, até para me orientar também, por acaso eu fui com o mapa que eu tinha impresso. E lá, na conversa, eu falei: “Olha, seria um curso de informática, mas ligado à questão do território, mais ou menos assim, olha”. Aí mostrei o mapa. Encantador, o mapa foi encantador.

Eu já estava resolvido também com uma questão que eu sempre falo em algumas entrevistas: eu estava com muitos dados sem um método de apropriação. Porque a grande questão é como se apropriar, como o cidadão comum se apropria das bases de dados hoje. Eu tinha lá, por exemplo, todas as indústrias, comércios, serviços especializados. Tinha lá os pontinhos, equipamentos sociais, tinha isso, tinha aquilo. Coloco esse volume de dados, mas como é que trago isso para o meu cotidiano e como é que isso me traz elementos para melhorar a minha ação, seja política, seja social, seja econômica, qualquer coisa? Como é que essas informações vão me servir? Para mim, era a grande interrogação. Estava com um monte de coisas e não sabia nem como começar a beber isso. Aí foi quando, através de uma revista da Universidade Federal de Belo Horizonte, lá de Minas, eu li um artigo do departamento de Geografia, um artigo do Milton Santos: “Elementos espaciais, uma questão de método”. Quando eu li esse artigo, mas foi assim: encai-

xou tudo o que eu estava fazendo, tudo, com o método desenvolvido pelo Milton Santos. Ele trazia a questão dos elementos espaciais básicos e a relação do indivíduo com o território. Começou o conceito da “área de vivência”, que é até onde ele absorve a informação, em termos territoriais. É na área onde ele corta o cabelo, ele compra, bebe, joga, se diverte. E isso dá uma predominância de circulação na vida dele. É nessa área de predominância de circulação que ele pega as informações. É na quinta, quando compra isso, é no barbeiro, no cabeleireiro. Vai juntando e constrói, nesse ambiente, o saber popular, que é a base da movimentação dele. Quando eu descobri isso, descobri a possibilidade de juntar o saber popular e agregar o saber científico, na mesma escala. E aí se dá a revolução, se dá um salto de qualidade, porque o saber popular começa a ter base científica. E o saber científico começa a ter a possibilidade de reforçar, de utilizar a força do saber popular. Então isso dá um caldo de alteração da situação.

Isso foi um pouco antes de começar esse trabalho lá na Casa do Meninos, no Jardim São Luis, que é divisa com Campo Limpo. A Casa do Meninos, na década de 60, era um orfanato e foi mudando. Nessa conversa lá eu encontro a direção da entidade. Eu quase não fui, quase que eu ia ligar e inventar que estava doente, que não dava para ir, porque eu estava muito desgastado da experiência anterior. Eu já cheguei colocando algumas condições para fazer o serviço, para desenvolver o trabalho com eles. Coloquei assim: “Sem internet eu não mexo uma palha. Temos que colocar um micro aqui”. Tinha vários micros 486, aquela tranquerada toda. “Se a gente não colocar aqui, no mínimo, um Pentium com um modem, pra gente fazer a comunicação via internet, eu tô fora, nem começo”. Coloquei também algumas condições, não queria passar, a grosso modo, as mesmas questões que tinha acabado de sair. Quando eu coloquei o território, toparam. Nós fizemos um convênio com a Casa e começamos a desenvolver um curso de Informática e Cidadania lá. Aí, um monte de histórias... Isso tem mais de 10 anos. O negócio era um curso de informática, para os meninos pagarem R\$20 por mês

para fazer o curso. Era uma coisa para resolver as coisas mais mesquinhas, aquela visão onguista, de ONG mesmo. A gente diz que ONG é “fogueira na noite”: aquece quem está perto, mas não ilumina as trevas. Isso aí é uma metáfora que orienta fortemente toda a nossa atuação e toda a atuação dos meninos.

Eu tive a oportunidade de acompanhar os meninos que se aproximaram em 2001 num projeto que nós mandamos para o Agente Jovem. Um projeto social que a Casa começou a assumir. Acompanhei a primeira turma do Agente Jovem. Logo na sequência, durante esse 2001, apresentei a proposta de Cooperativa de Logística Urbana, que já era uma forma de tentar produzir informações para serem utilizadas pelo governo, pela sociedade e também poder ser vendida no mercado e gerar renda para eles. Essa ideia vem se desenvolvendo. Aliás, esse projeto recebeu o primeiro Prêmio Milton Santos da Câmara de Vereadores de São Paulo, no primeiro concurso desse prêmio. Então vem se desenvolvendo e eu venho acompanhando esses meninos de 2001.

Com as ideias e com o contato mais direto com os meninos, começou a se criar ali uma corrente que queria desenvolver aquelas proposições que a gente estava fazendo. Aí teve uma eleição em que faltava gente na diretoria. Lá, era “dá o nome”, porque quem tomava conta era praticamente uma pessoa só, que era a dona da entidade, vivia daquilo, com salário razoável, trocava de carro a cada ano ou dois anos. Carro novo. Os nomes para a diretoria eram nomes que se colocava, mas, na verdade, não tinha funcionamento. A diretoria era “para inglês ver”, como a maioria das ONGs. Faltava um nome: “Ô, Silva, você não quer colocar o nome aí na diretoria?”. “Ah, coloque, tudo bem”. Foram eles que solicitaram o meu nome lá.

Mas, aí, participando, cada vez mais envolvido, eu fiz uma proposta de mudança do Estatuto da diretoria, tentando abrir portas para a mudança. Sugeri que a diretoria fosse formada por 21 pessoas e com três blocos com três eleições, três blocos de mandato. O primeiro mandato seria de dois anos: sete de dois anos, sete de três anos e sete de quatro anos. Quando a gente decidiu

isso e mudamos o Estatuto, na primeira eleição, quem fosse mais votado pegaria quatro anos, quem fosse menos, três anos e, os últimos, dois anos. E os suplentes. A primeira eleição ocorreu já com essa característica de quatro, três e dois. O que eu estava querendo introduzir? Introduzir mudanças. As pessoas novas poderiam se candidatar a cada dois anos na entidade. E depois que passasse os quatro anos, a cada ano ia ter eleição. De vez em quando só um não tem, mas cada ano praticamente tem eleição. Porque vai coincidir: um vai ter eleição de dois anos, porque tem mandato de dois. No outro ano, quem tem mandato de três. No outro ano, quem tem mandato de quatro. Aí você cria a possibilidade da renovação sem destruição. Você renova a diretoria sem criar situações de mudanças bruscas de uma política para a outra.

Criou-se a condição de fazer isso e começou a haver um processo de renovação. Numa primeira leva, entraram vários jovens de 2001. E aí começou o inferno para a turma mais velha da Casa. Esses jovens começaram a querer transparência. “Não tem dinheiro pra pagar a luz”. “Mas onde é que tá o dinheiro? Foi gasto em que? Como?”. Tudo. Começaram a exigir notas de todas as despesas da Casa. Tinha que ter nota, recibo, documento fiscal de qualquer transação. Aí começou o rolo. Diante dessa coisa, eu digo: “Olha, vamo criar um sistema na internet, que todo mundo vai ter acesso”. Criamos o plano de contas. Hoje, inclusive, é possível que esse plano de contas seja aprovado para ser passado para todos os Pontos de Cultura do Brasil. Uma conquista formidável. E levando a transparência... A coincidência que houve do plano de contas com o mensalão... Eles verificaram que o que eles estavam enfrentando era a mesma situação de transparência do governo. Tinha que dar uma resposta, que não era só uma resposta interna, era uma resposta contemporânea. A transparência é possível? Isso que nós tínhamos que responder. E essa discussão foi feita, inclusive relacionando com a questão da época. “Por que está acontecendo isso?” Aí foi visto que as coisas começam aqui, começam de baixo, é aqui que se produz. A corrupção nasce aqui. Esse é o nascedouro da

corrupção, é na sociedade civil, é na cidadania, quando você não tem condição de ver as contas ou quando tem condição e não quer ver, porque esse é o pior cego: aquele que não quer ver.

Esse fenômeno já aconteceu lá, um erro que deu nas contas. No final, no frígido dos ovos, é como se tivesse sumido dois meses de bolsa do último ano do programa. “Mas não pode”. Porque a gente criou antes uma segurança cultural. A gente fez um concurso em toda a Casa com o lema: “Quem não faz conta não toma conta”. E então você teria que fazer uma dissertação sobre os últimos seis meses de gastos com material pedagógico da Casa. Todo mundo tinha que entrar no sistema e ver onde gastou e ver se lembrava se usou aquele material nos últimos seis meses. Isso era uma abertura de conta. Todo mundo entrou, viu, constatou, fizeram várias redações e um deles ganhou. A redação ganhou um computador, a gente sorteou um computador para quem ganhasse. Isso acabou com qualquer dúvida. “As contas da Casa dos Meninos estão abertas”. Deu a confiança coletiva. Inclusive, muita coisa melhorou depois disso. Só que a menina que era responsável por fazer as contas... Entrou o dinheiro e estava na agonia lá, porque estava em mudança, teve que demitir vários funcionários. Aí, pagaram as coisas trabalhistas e, na confusão, ela não verificou a entrada de duas bolsas. Por algum outro motivo, ficou a sensação de que não tinha havido a entrada dessas bolsas. E a diretoria ficou cobrando do governo essas bolsas. Até que a presidente olhou: “Escuta, você tem certeza que não entrou? Vamo lá no plano de conta, vamo vê”. Verificaram as entradas do ano e verificaram que tinha 12 entradas de bolsa. Então as bolsas entraram. “As saídas?”. Verificaram todas as saídas. Então a questão foi o seguinte: eles pagaram as indenizações com o dinheiro das bolsas. Mas não deixa de estar criado um problema. Por que não foi visto isso antes? Com conta aberta. Porque está aberta mesmo a conta, ninguém vai ver, ninguém faz o cheque, ninguém checka. É a questão da participação do indivíduo na história. Foi criada a possibilidade de participação e não houve a participação. E hoje isso está mostrando, está sendo

utilizado como exemplo da não participação e que tem que participar.

Daí nós vimos que era necessário ainda fazer algumas alterações no sistema para fazer o acompanhamento. Se você quisesse fazer filtro, tinha algumas operações lá. Não são complicadas, mas as pessoas precisam fazer alguns passos para ter o filtro que mostre. Por exemplo: eu quero saber quanto foi gasto em alimentação no programa tal. Aí eu filtro o centro de custo, filtro o item e ele vai me dar todas as entradas e saídas que foram operadas naquele centro de custo no material pedagógico ou limpeza. A gente desce até o item. Mas, para isso, precisava de três operações. Como isso aí é “cansativo”, vai exigir algum tempo da pessoa, é aquele negócio: você não vai na reunião porque prefere assistir a novela. Então eu vou para a novela. Como eu sei que está aberto mesmo, qualquer hora em que eu quiser eu entro, então cria uma situação em que o controle coletivo não se exerce, mesmo com as condições de ser exercido. Vamos cercar agora essa questão e estamos colocando algumas inovações técnicas que vão tornar mais fácil ainda algumas verificações. E provocar. Criar – como a gente fez essa campanha do sorteio do computador –, ficar fazendo algumas coisas durante um certo tempo de exercício para incentivar, a partir de um prêmio, algum concurso, alguma coisa para as pessoas irem mais vezes. Mesmo que vá por outros interesses, mas depois vamos ter a cultura de olhar.

Análise concreta

Agora, toda a nossa relação é diária, virtual. Desenvolvemos, encontramos alguns programas. Eu continuo dando aula hoje. Por exemplo, chegam dois da faculdade às 11h da noite. Depois que eles chegam, entram no Skipe e eu coloco a minha tela como lousa. Eles operam a minha máquina de lá e eu ensino várias questões. Várias aulas são nesse período. Às vezes eles pegam mais 1h ou 40 minutos de conversa. Seja uma reunião ou seja ensinando alguma técnica, mas só que eles estão do lado da cama já. É sobre georreferenciamento e trabalho com a informação. Realizamos trabalhos juntos. Tudo agora à

distância. E reuniões, claro, mas as reuniões são muito mais leves.

Uma coisa que eu cheguei a duvidar muito era se eles adquiririam a dimensão política desse processo. E hoje estou vendo que a gente construiu um grupo político. Eles são como um grupo político, têm um lado, têm todas as críticas à questão dos partidos, mas não estão tratando de forma preconceituosa, estão sabendo dos limites e estão intervindo. Uma das questões novas da referência é: acontece uma coisa, acontece num lugar. Se eles não plotarem, se eles não geocodificarem essa informação, eles não fazem nada. Não existe, é como se não existisse. Não é que não exista, mas é como se não existisse. A informação tem que estar no local e esse local tem uma voz. Nesse local, eles já vão imediatamente e verificam todos os dados do Censo, porque nós criamos um mecanismo para isso. Verificam todos os equipamentos sociais e serviços existentes. Verificam quantas empresas de comércio, serviço e indústria. E, aí, eles associam todas as questões com a questão política. Então é outra condição de se fazer política. A demagogia é muito mais difícil de entrar no cotidiano deles, porque quando eles não veem a possibilidade de mudar, de fazer, eles já ficam com o pé atrás no sentido de: “Precisa alguma coisa aqui. Tá faltando alguma coisa”.

A questão da análise concreta está colocada. E isso é um elemento novo na política. A gente está juntando coisas que eu tive muita dificuldade na minha juventude. Tinha que ir pelas imagens, pela ideologia, pela política mesmo. Às vezes um objetivo político inalcançável,

que na prática era demagógico, porque não tinha relação com a realidade. Mas a gente ia por força da imagem, por força da ideologia, por força do conhecimento de um fato histórico que aconteceu não sei quando. A gente pegava algumas imagens e ia à luta e, inclusive, arriscava a vida por aquilo. Mas estava totalmente desarmado, totalmente sem nenhuma possibilidade técnica e científica de se ligar à realidade. Agora é totalmente diferente. E agora nós estamos assustando pela capacidade de trazer a realidade para a discussão. Em qualquer reunião que eles estiverem, qualquer coisa que se delibera, na hora, eles colocam: onde, como, quando? Não tem como escapar mais. Se não responder a essas questões... Por exemplo, houve agora as conferências. Eles estão sendo um elemento assim de horror para algumas organizações lá na região. De horror. Eles agora começaram a entender isso: quando eles chegam, chegou a encrenca. A conferência tirou uma série de resoluções. “Ah, tá, agora, vamos ao plano de execução”. Só que todas aquelas resoluções já estão linkadas: “O plano de metas do governo, o que tá atendendo dessas resoluções? Nada? Opa, por que não? E como é que vai fazer isso? Quem são os responsáveis? Onde falar isso? Onde colocar as questões? Na sociedade civil, quem é que tem que responder por essa questão que foi tirada? Do governo, quem é que tem que responder? Da justiça, quem é que tá?”. Agora, o bicho pegou. É essa a minha alegria e é a questão velha lá que eu levantei no primeiro congresso de UBES. Tenho o que comemorar. Está pegando, está pegando.